

A CASA 
TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

DESENHOS DO GRAJAÚ: A CIDADE COMO LUGAR DE ATIVAÇÃO

MARLA FERNANDA DOS SANTOS RODRIGUES

Trabalho realizado sob orientação da Prof.^a Dra. Edith Derdyk, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu “Caminhada como método para a arte e educação”.

Setembro
2020

DESENHOS DO GRAJAÚ:

A CIDADE COMO LUGAR DE ATIVAÇÃO

MARLA RODRIGUES



2020

Resumo:

O trabalho apresenta desenhos do Grajaú, região do extremo sul de São Paulo, elaborados por mim, moradora da região, a partir do ato de caminhar pelo território. Sua elaboração foi ativada pela experiência do corpo no espaço, pelos estímulos do lugar e por memórias pessoais e coletivas. Além dos desenhos, é apresentado um relato da experiência de construção do trabalho, desde as motivações para sua realização, às percepções decorrentes da experiência de desenhar o lugar onde se vive.

Palavras-chave: desenho, lugar, cidade, centralidade periférica, identificação.

Resumen: El trabajo presenta dibujos de Grajaú, zona del extremo sur de São Paulo, elaborados por mi, residente de la región, a partir del acto de caminar por el territorio. Su elaboración ha sido activada por la experiencia del cuerpo en el espacio, por los estímulos del lugar y por memorias personales y colectivas. Además de los dibujos, se presenta un informe de la experiencia de construcción del trabajo, desde las motivaciones para su realización, hasta las percepciones resultantes de la experiencia de dibujar el lugar donde se vive.

Palabras clave: dibujo, lugar, ciudad, centralidad periférica, identificación.

Abstract: The work presents drawings from Grajaú, an extreme south region of São Paulo, elaborated by me, a resident of the place, from the act of walking through the territory. Its elaboration was activated by the experience of the body in space, by the stimuli of the place and by personal and collective memories. In addition to the drawings, an account of the experience of building the work is presented, from the motivations for carrying it out, to the perceptions arising from the experience of designing the place where one lives.

Keywords: design, place, city, peripheral centrality, identification.

Sumário

Desenhos do Grajaú: A cidade como lugar de ativação	9
Apresentação	11
Objetivos	12
Percursos iniciais	13
Leituras do processo	24
O percurso: Caminhos para reconhecimento de si	26
Bibliografia	31
Caderno 1	35
Caderno 2	65
Agradecimentos	93



DESENHOS DO GRAJAÚ: A CIDADE COMO LUGAR DE ATIVAÇÃO

Esta construção é infinita, entretanto, já é possível habitá-la.

Parte das casas do Grajaú e de tantas outras centralidades periféricas, passam anos em construção, pouco a pouco, fundações, paredes, lajes e portas constroem a residência. Ainda que sem elementos como pintura, azulejo, piso ou batente, por urgência e/ou possibilidade, esta casa é habitada. Com o tempo, a casa se transforma, surgem novos cômodos, as relações mudam, a arquitetura afeta o convívio e o convívio, a arquitetura.

Convido o leitor a adentrar este trabalho como a uma casa em construção, que apesar de em processo, já pode ser habitada. Estas páginas contam algumas perspectivas do Grajaú a partir da experiência de meu corpo e do alcance de meu olhar. Um lugar tem camadas infinitas de existência, por isso desenhar sobre a experiência de um lugar é, também, uma construção que não tem fim. Esta construção é uma tentativa de agarrar o fugidio e potente da experiência que escapa.

Quando é que uma construção está pronta?



ESTADOS
DO BRASIL



MACRORREGIÕES
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

CIDADE DE
SÃO PAULO



DISTRITOS DE
SÃO PAULO

▷ SUBPREFEITURA
CAPELA DO SOCORRO

Apresentação

O trabalho apresenta desenhos do Grajaú elaborados por mim desde 2018. Como moradora da região, a partir do ato de caminhar e desenhar o território, proponho a construção de imagens que expressem minha experiência e percepções do lugar. Além dos desenhos, elaboro relato sobre o processo de criação do projeto e as reflexões decorrentes desta construção. O relato apresenta meus objetivos ao iniciar o projeto, as motivações que me conduziram a esta realização, entendimentos decorrentes da proposta e algumas reflexões sobre aspectos abordados nos desenhos.

Elaboro o relato a partir de experiências e reflexões sobre minha trajetória de formação, meu lugar social e racial. Convido o leitor à observação dos desenhos a partir da compreensão de que expressam atravessamentos de diferentes dimensões. Ao desenhar São Paulo a partir do Grajaú, localizo a periferia também como centralidade, reconhecendo suas identidades culturais, epistemologias, a representatividade negra de sua população, sua forma de ser no espaço e sua relação indissociável com toda a cidade e com o Brasil.

Objetivos

“...nossa identidade é moldada em parte pelo reconhecimento ou por sua ausência, frequentemente pelo reconhecimento ‘errôneo’ por parte dos outros, de modo que uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer reais danos, uma real distorção, se as pessoas ou sociedades ao redor deles lhe devolverem um quadro de si mesmo redutor, desmerecedor ou desprezível. Não reconhecimento ou reconhecimento errôneo pode causar danos, pode ser uma forma de opressão, aprisionando alguém numa modalidade de ser falsa, distorcida ou redutora (...). O devido reconhecimento não é uma mera cortesia que devemos conceder às pessoas. É uma necessidade humana vital”. (Charles Taylor, 2000 apud PALLAMIN, 2015, 73)

Este trabalho tem alguns objetivos, o primeiro deles é dialogar com as pessoas do Grajaú e com aquelas que habitam as centralidades periféricas. A existência de materialidades e discursos que representem o lugar de onde se vem por pessoas que nasceram neste lugar é fundamental para a instituição de uma noção de existência desalienada e consciente de si. Me situo enquanto mulher, negra e periférica, com o objetivo de ampliar camadas de leitura do trabalho e sublinhar que existe uma epistemologia específica elaborada a partir da experiência do corpo negro. Com isso, reforço a urgência da construção de memórias e representatividades que dialoguem com a população periférica e com a população negra em um país que nega, estrutural e simbolicamente a estas pessoas o direito à existência plena e à possibilidade de exercer escolhas.

É parte dos objetivos desta construção, encorajar pessoas, sejam crianças, adolescentes, adultos ou idosos, a buscarem realizar seus desejos, escutarem suas próprias ideias e acreditarem que possuem potência e capacidade de realização. Para mim é uma emoção imensa realizar e compartilhar este projeto, pois, apesar de ser fruto de um sonho que falava ao meu coração, duvidei dele inúmeras vezes. Construir o desejo nos coloca em estado de fragilidade e esta fragilidade é potência. O trabalho se apresenta como um convite à escuta e expressão da própria potência.

Um dos objetivos deste trabalho é representar as centralidades periféricas dentro da produção gráfica de desenhos de São Paulo a partir de desenhos elaborados por um sujeito que vive o lugar, mulher, negra, arquiteta e artista. Ao abordar o Grajaú, o trabalho evoca o espaço da periferia enquanto lugar de existência, parte integrante da cidade e o sujeito periférico como

ser potente para a construção de suas próprias representações. Ademais, se constitui enquanto ferramenta política para ampliação de diálogo sobre determinados territórios da cidade, em contraposição a imaginários estigmatizados e superficiais do que se reconhece como espaço periférico.

O trabalho se apresenta ainda, enquanto produção de uma guerrilha acadêmica, por ser a produção de um sujeito periférico e negro a partir de seu lugar de nascimento, haja visto o silenciamento simbólico e cotidiano exercido sobre as pessoas que habitam estes lugares. Deste modo, o projeto se reconhece enquanto grito de resistência diante do histórico e atual processo de apagamento das vidas, epistemologias e subjetividades negras no Brasil.

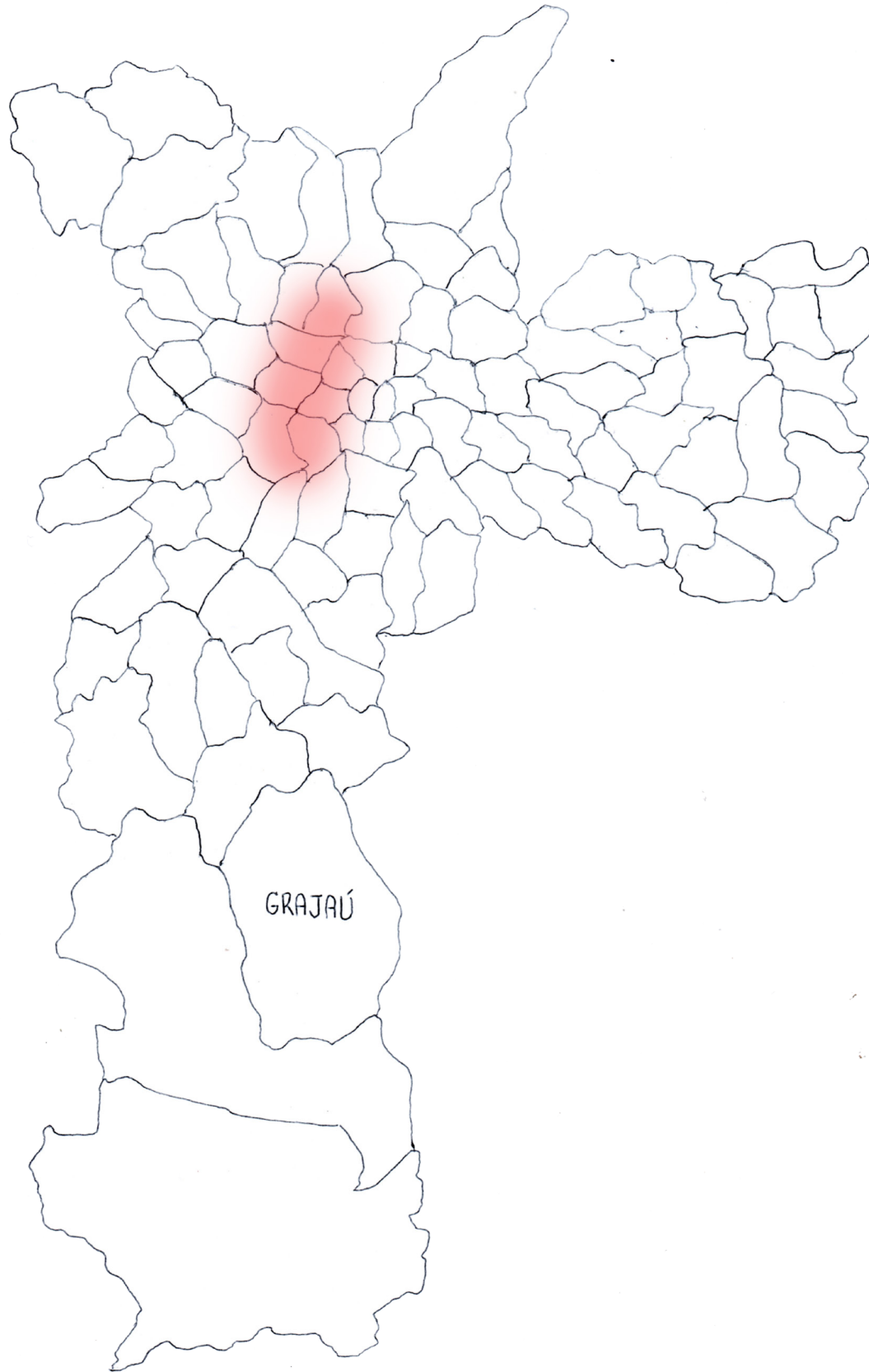
Percursos iniciais

Como cheguei até aqui

No período em que concluí a graduação em arquitetura e urbanismo, comecei a procurar emprego em minha área de formação, ainda incerta do que gostaria de fazer. Passaram-se meses e não surgiam oportunidades. A crise, tão falada em escala nacional e, mesmo, mundial, tinha dimensão cotidiana e sensível. Não encontrar uma oportunidade de trabalho durante esse período, fez com que eu questionasse a mim mesma o que gostaria de fazer e de que maneira gostaria de estar no mundo. Voltei a desenhar, participei de cursos e comecei a refletir sobre o que fazer com o desenho.

Neste período, voltei a acessar livros ilustrados de São Paulo (São Paulo: uma visão bem humorada sobre esta cidade, 2003, de Paulo Caruso; A(e) rea Paulista, 2009, de Carla Caffé; e São Paulo Infinita, 2015, de Juliana Russo), ao folheá-los, percebi que lugares como o Grajaú, localizados nos extremos da cidade, se tomarmos como referência de centro a região da Sé, quase nunca ou nunca eram representados. Mapeei os bairros que mais aparecem nos livros a fim de identificar qual cidade é escolhida para ser representada e qual é invisibilizada.

Inúmeros questionamentos surgiram a partir do momento em que me dei conta de que extensos territórios da cidade eram ausentes nas narrativas ilustradas dos livros: Quem são os autores destes livros? Por que são estes os livros presentes nas bibliotecas e livrarias? Por que algumas regiões estão representadas em diversos livros, enquanto outras, não aparecem em nenhum deles? Por que são estes os autores a terem seus trabalhos publicizados?



Mapeamento dos principais lugares representados em alguns livros de desenho de São Paulo: Sesc Pompeia, Mercado Municipal, Avenida Paulista, República, Liberdade, Centro, Largo da Batata e Estação Sumaré.

Estes questionamentos me levaram a pensar sobre o imaginário que um livro ilustrado constrói sobre uma cidade e o que cabe ser representado. Narrativas desenhadas da cidade precisam ser construídas por olhares de territórios diversos, assim como diversa é a cidade. Estes territórios diversos podem ser os bairros considerados ‘bairros da periferia’, neste trabalho abordados como ‘centralidades periféricas’. Deste modo, a partir de meu lugar de origem, de meu interesse por abordar uma centralidade periférica enquanto lugar de produção poética e de minha busca por construir diálogo com o mundo por meio do desenho, elaborei narrativas desenhadas da experiência de um lugar, que neste caso, é o Grajaú.

Propor o Grajaú como lugar para a elaboração de um trabalho poético, não tem intenção saudosista em relação à região, tampouco pretende elegê-lo como centralidade periférica a ser destacada dentre as demais, deve-se ao fato deste ser meu lugar de nascimento e convivência.

Revisitando os cadernos

Até que tomasse a decisão de elaborar um projeto de desenho sobre o Grajaú, desenhei aspectos do lugar de maneira aleatória, sem compromisso, em pequenos cadernos que carregava comigo. As imagens a seguir foram criadas em diferentes situações, no percurso de viagens no trem da linha Grajaú – Osasco ou esperando alguém em frente ao Terminal Grajaú. Ainda não pensava em construir um projeto, escutava o espaço e a mim mesma desenhando.

Ao observar os desenhos e a partir de conversas com outros artistas, entendi que meu desejo de desenhar e falar do Grajaú poderia se manifestar em uma proposta de desenhos deste lugar. Decidi iniciar o projeto.



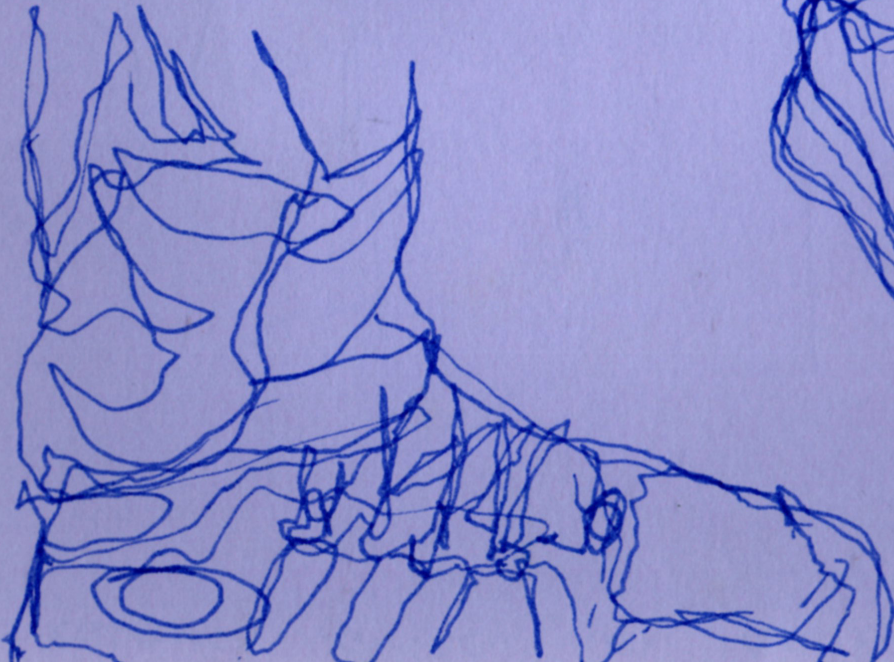
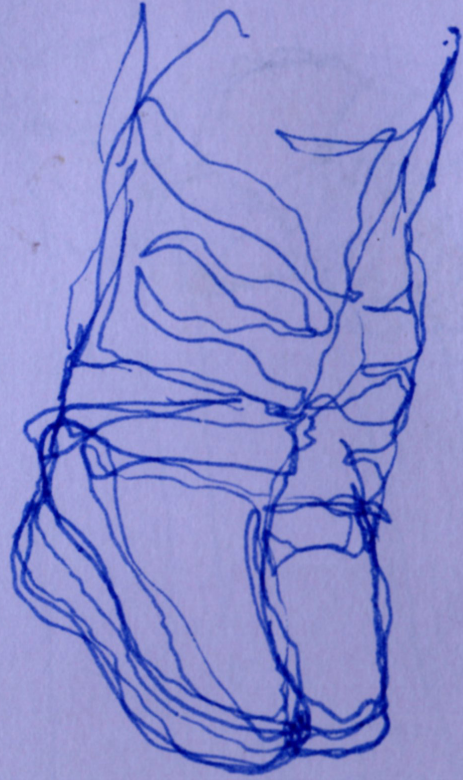
ESTÃO ORANDO NO TREM.

O VÍCIO TIRA TODA A PERSPECTIVA DE VIDA DO SER HUMANO.

A PALAVRA DE DEUS É LÂMPADA PARA NOSSOS PÉS E LUZ PARA NOSSO CAMINHO.

PALAVRA DE ENCORAJAMENTO:

NÃO HÁ TERRA PROMETIDA SEM DESERTO.





poor

fone de 5, fone de 10
fone de 5, fone de 10

agua é 2
agua é 2
agua é 2

balls é 1 real
balls é 1 real
balls é 1 real

1 é 3, 2 por é 5
1 é 3, 2 por é 5
1 é 3, 2 por é 5

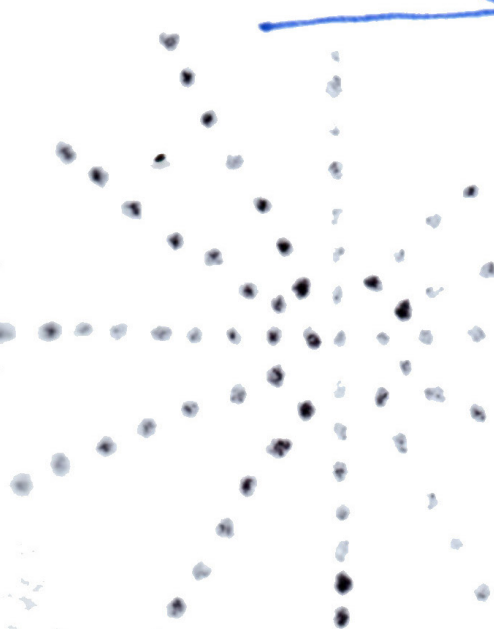
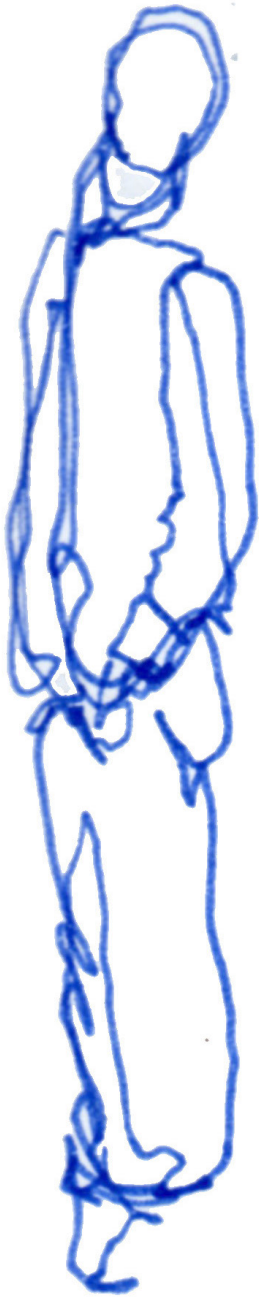
PEDIR ESMOLAS
E O COMÉRCIO
AMBULANTE
SÃO PRÁTICAS

se des fez
em como

ILEGAIS



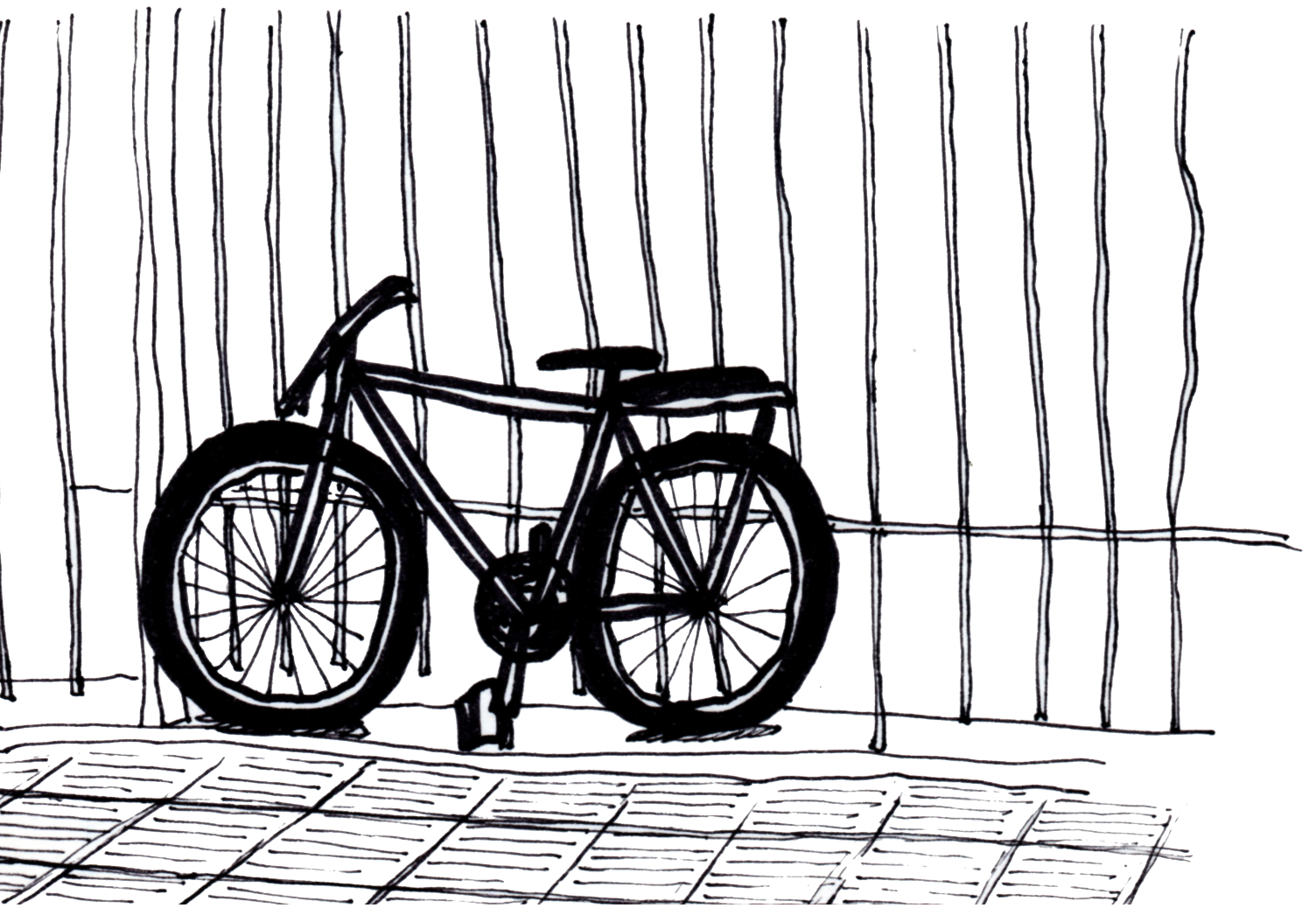
'UBER' DE MOTO
NA FREITE DO
TERMINAL GRAJAU.







NO TREM





Leituras do processo

O nome Grajaú

Um nome não é suficiente para expressar um lugar, a palavra, ao nomear, limita aquilo que expressa. Quando se trata de uma região ou bairro, o nome pode evocar imaginários estigmatizados sobre o território e sobre a população que o vivencia. Entretanto, este mesmo nome pode trazer consigo, não somente a possibilidade de um imaginário reducionista, mas também, carga simbólica de resistência política e de representatividade identitária.

Experiências vivenciadas em um determinado bairro são particulares a cada pessoa, entretanto, existem aspectos do lugar que confluem para que as pessoas que o habitam ou transitam por ele, compartilhem experiências comuns. Deste modo, um lugar funda experiências e imaginários e, por isso, constitui possibilidades de ser e observar daqueles que o vivenciam.

Ao enunciar o Grajaú como lugar de representação e, por isso, de criação de imaginário, reconheço a carga de resistência política presente neste nome, e busco, com esta materialidade, ampliar camadas de pensamento e percepção sobre esta e outras centralidades periféricas.

Desenhar no espaço público

A decisão de realizar a quase totalidade dos desenhos no próprio espaço da cidade, é parte do entendimento de meu modo de trabalhar, da maneira que desejo existir e do perfil de trabalho que desejo construir. Ao longo do processo percebi que não desejava fotografar ou esboçar um rascunho de um lugar para posteriormente criar desenhos em minha casa, entendi que almejava elaborar com o desenho minha experiência de caminhar pelo Grajaú, a rua é meu lugar de reflexão e ateliê.

Posicionar meu corpo no mundo para caminhar e desenhar, compreende minha presença física como ferramenta política de enfrentamento, diante da violência simbólica e cotidiana exercida contra o corpo feminino e negro na cidade.

A decisão de desenhar nas ruas do Grajaú traz consigo também, o sentido de estar presente no espaço público exercendo uma ação não prevista, não dada à população como possibilidade de existência. Quando nas periferias são ausentes ou insuficientes os equipamentos de cultura ou nas referências de livros de desenho de São Paulo a periferia, apesar de tão extensa, é

parcamente representada, é negado a esta população o direito de se ver representada ou de desejar exercer ações como, por exemplo, desenhar. Caminhar e desenhar para mim são privilégios que reconheço como possibilidades de libertação e exercício da autonomia.

Meu corpo na rua

Compartilho brevemente minha experiência na feitura deste trabalho a partir da presença de meu corpo no lugar. Este diálogo é fundamental para pensar as especificidades da experiência de cada sujeito quando caminha e desenha no espaço público e como esta sensação interfere e se apresenta na construção dos desenhos.

Caminhei por ruas conhecidas e desconhecidas para mim. Em alguns lugares não conhecidos, como ruas de bairros mais residenciais, ao perceber que mais pessoas me olhavam do que em outros lugares da região, senti que minha presença era mais notada. Apesar da sensação de que me reconheciam como alguém que não era daquela vizinhança, vejo que a cor de minha pele e minha presença, formada pela experiência de viver na periferia, eram aspectos de identificação com o lugar.

Percebo que o fato de ser uma mulher magra permitiu que minha experiência de circulação no espaço público fosse pouco percebida ou abordada e, com isso, me senti mais à vontade para circular por lugares desconhecidos ou com a presença de poucas mulheres na rua. Menciono este aspecto, pois, como mulher e a partir de conversas com outras mulheres, vejo que o assédio ou a possibilidade do assédio no espaço público pode ser um fator cerceador da circulação deste grupo de pessoas em determinados espaços da cidade.

O percurso: Caminhos para reconhecimento de si

O rascunho não existe

As primeiras vezes em que saí para desenhar a paisagem, ainda sem saber ao certo o que desenharia, levei um caderno e um lápis. Imaginava que na rua captaria a ideia do lugar por rascunhos e, em meu espaço de trabalho, construiria uma imagem de maneira mais elaborada. Aos poucos percebi que desejava mais convivência e vivência no espaço da cidade, queria ser afetada e, com isso, que o desenho fosse afetado pelos estímulos e incômodos da rua. A partir desta percepção, passei a posicionar as caminhadas e desenhos como experiências e acontecimentos fundantes do

trabalho. Compreendi os desenhos elaborados na rua, não como projetos de uma construção, mas a própria construção, o rascunho não existia. Gradativamente, entendi que a cidade é meu lugar de ativação, que a rua é meu lugar de ação e que o caderno e a caneta são meus instrumentos de trabalho e companheiros de permanência e diálogo com o lugar.

24/05/18 - 18h

Maira Kalman
Carla Caffé
Juliana Reuso
Francine Schein

Louise Bourgeois
aquele e bonito

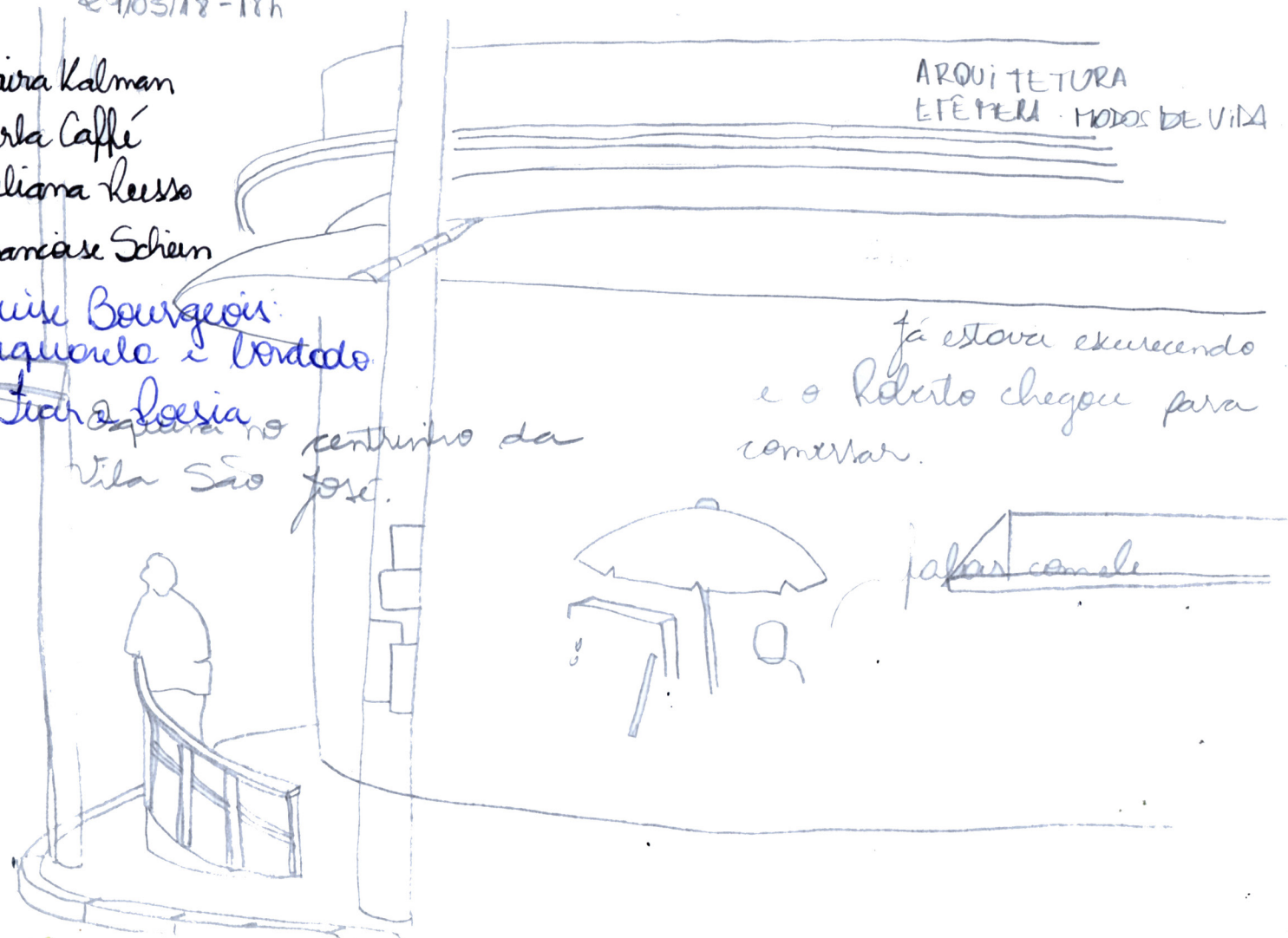
Jana Leria

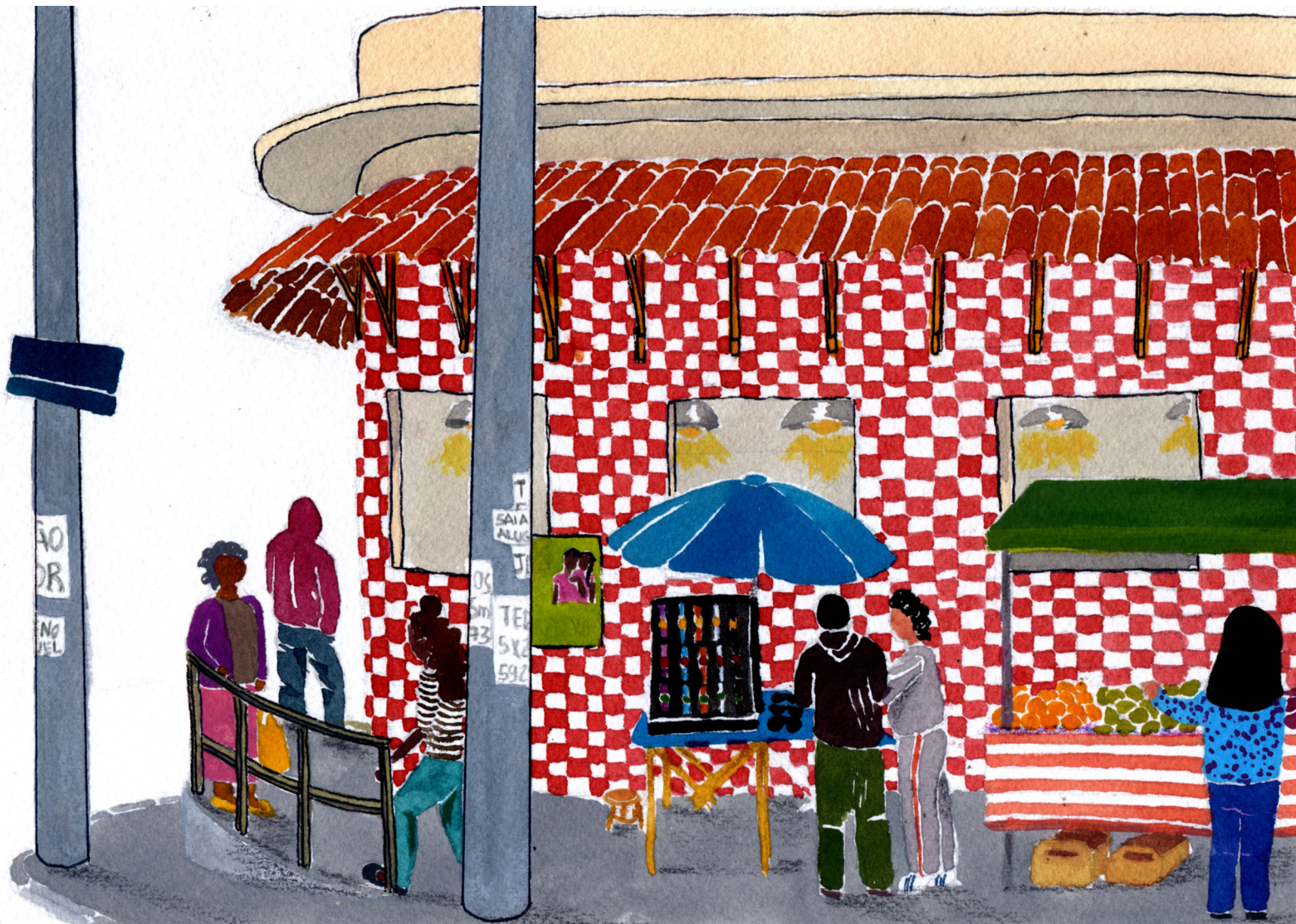
capim no centrinho da
Vila São José.

ARQUITETURA
EFÊMEROS - MODOS DE VIDA

Já estava executando
e o Roberto chegou para
conversar.

falar com ele





Reconhecimento de si e ancestralidade

Depois de compreender e aceitar que construiria o trabalho em um caderno, a caneta com a qual iria construir os desenhos foi a seguinte questão. A princípio, utilizei caneta nanquim preta. Entre uma situação e outra, desenhei com caneta esferográfica e recobri os contornos com a caneta nanquim. Entretanto, observando os desenhos, me identificava muito mais com o traço construído a partir da caneta esferográfica. Inicialmente, relutei em aceitar que me identificava mais com este, desejava permanecer com a caneta nanquim por uma idéia pré-concebida de desenho. Ao dialogar com outras pessoas e comigo mesma sobre este processo, aos poucos reconheci que a caneta esferográfica seria meu instrumento de diálogo com o lugar.

Este movimento de desconstrução é parte de um projeto descolonizador, uma vez que rompe internamente ideias moldadas de arte e traz para mim, a responsabilidade de construir uma narrativa, missão esta que me obriga a buscar e aceitar minha forma de construir o desenho, desalienando-me de meu próprio fazer.

Ao aceitar esta escolha como parte de meu processo de criação, me veio à mente a recordação de que meu pai, o artista Claudio Rodrigues, também utiliza caneta esferográfica preta para realizar seu trabalho de desenho. Compartilho este processo de dúvida e decisão com o leitor, pois foi fundamental para a percepção, construção e aceitação de meu próprio traço e para a identificação da ancestralidade presente em meu trabalho.

A trajetória que fiz até encontrar a materialidade com a qual me identificasse andou paralela à compreensão de quais aspectos do lugar buscava abordar. Apresento os desenhos deste início de percurso para refletir sobre o tempo presente na descoberta do próprio trabalho e para reconhecer que caminhar e desenhar um lugar pode ser um caminho de autoconhecimento.

As listas como modo de organização

Quando entendi que iria construir um projeto de desenho do Grajaú, minha ideia inicial foi percorrer todos os bairros da região com o objetivo de tentar abarcar todas as possibilidades de paisagem do lugar. Levantei a lista de bairros e os mapeei. Entretanto, a ideia durou pouco tempo, quase nada, porque vinda de cima para baixo e precedida do fazer, excluía a possibilidade do acaso e o desejo do corpo no lugar. A construção desta percepção foi permeada por muitos momentos de dúvidas, conflitos e



Trabalho de Claudio Rodrigues. Caneta esferográfica preta e papel vergê | Sem data.

travas, presentes principalmente antes de sair para desenhar.

Ao longo do tempo, percebi que o desejo do corpo, minhas memórias e aspectos dos espaços seriam os guias para a construção do trabalho. Ao sair para caminhar e desenhar, os lugares pulsavam, a cidade me estimulava, memórias e ideias surgiam destes estímulos. Como tentativa de agarrar o fugidio do pensamento, comecei a elaborar listas de lugares e aspectos do Grajaú que gostaria de introduzir ao projeto. As listas se apresentavam como pistas para os passos seguintes e eram também um mapeamento de minha dimensão e percepção do território. O entendimento de que a construção de listas é parte de meu processo de trabalho também foi etapa importante para a aceitação de que não alcançaria desenhar todos os meus anseios, já que esta construção não tem fim.

Escrita-escuta

A escrita no desenho é uma testemunha do olhar, da escuta, de memórias e pensamentos. Escrevi o que li nos cartazes colados nos muros, postes e portões. Grafei músicas que escutei dos carros ou que tocavam nos estabelecimentos. Anotei conversas alheias ou diálogos estabelecidos comigo. Registrei memórias ativadas pelos lugares, lembranças de infância e recordações de família. Apontei questionamentos que vieram à mente diante de situações ou condições que presenciei.

A palavra, registro gráfico do diálogo entre o espaço e eu, é um desenho que me possibilita trazer mais camadas de reflexão sobre o lugar.

Caminhar e parar

Durante a travessia desta jornada, cujo desenvolvimento não tem um ponto de chegada, passei por diversos momentos de interrupção, estas pausas estiveram relacionadas a processos pessoais e sociais. Houve momentos, em que a percepção das camadas de abandono sobre as vidas que aqui resistem, me conduziu a um estado de cansaço e desamor sobre o lugar. Me perguntava até que ponto este mesmo abandono que me fatigava, incidia sobre minha existência. Interrompi o processo inúmeras vezes, não para desistir, mas para respirar, pois a construção destes desenhos me colocou em estado de imersão.

A princípio, estas pausas me incomodavam, me faziam duvidar sobre o sentido do trabalho e de minha existência, já que gostava de fazer o que fazia. Contudo, ao longo do tempo, entendi que a pausa é também parte da caminhada.

- lugares e centros Grajaú:
- Casa Ecaterina - Sarau das Cordas
- Cia. Soltando a Pipa - máscaras oficina
- Sarau das Minas
- Calçadão CCG
- A Bordar espaço terapêutico
- Cêlicê elazi ✓ *contemp*
- vivências náuticas
- Associação de mulheres
- BNH - *fevela* - *vegetação*
- Represa - *jeiens* - *placas*
- Balsa - *manequim* - *ambulantes*
- antigo humbalada (?) ✓ *maquês, formid*
- Terminal Grajaú / fila
- legga 3 em 1
- Capoeira ✓ *parcadas*
- Afromix *ZR*
- festa filma Afromix x
- Aula de Samba R&B
- Atula do 3º mltimo
- Sarau
- Balmira Marin
- Represa
- feira - *ambulantes* - *trem*
- leitões e brase
- linha do trem e outras cotando
- a paisagem
- faixas de políticos - *marcas, manequins*
- Ricoy / Casa Bahia / perfiteo - *plantas, floresta*
- ambulantes - *represa*
- trem - *leitura, feira*
- botecos e igrejas
- feira
- cora do notit

- Pessoas?
- Banda do Praça
- detalhes, placas da paisagem
- pessoas importantes plimim
- paisagem, comodos, arquitetura
- RED BULL stôker, marcas, qpio e patrimônio
- pessoas na rua
- mordões de rue
- lojas e lugares importantes pl o bairro
- esada lotado do trem
- *plataforma* - *manequins, placas*
- árvores e parques
- pessoas
- Grajaú Pop City ✓
- cora, pessoas, pelotas
- *marretua* *scotiteria*
- *Slam do Grajaú*
- fila do banco do Brasil
- bito tédica
- Ônibus reformado
- lotado
- trem lotado
- Reflexão: atreço as fontes
- dos cotogis no Graja e
- pensar na identidade
- usual das fontes.
- afeto
- Grajaú merece
- ser bem representado
- igrejas
- botecos
- pessoas cora do blo.
- comer na rua ☺
- crianças, idosos, jovens e adultos

Desenho do lugar como possibilidade de reconhecimento de si

Os desenhos são a expressão de uma coleta de experiências.

Acompanhada de um estado de disponibilidade, ao sair para desenhar, aspectos conhecidos e desconhecidos do lugar direcionaram meu caminhar. A memória, inevitavelmente, também foi guia para meus pés e traços.

A quase totalidade dos escritos e desenhos é apresentada na forma e na ordem em que foram construídos nas ruas, eventos e encontros. Os desenhos estão divididos em 'Caderno 1' e 'Caderno 2', pois foram construídos em dois cadernos. Algumas imagens são junções de dois desenhos em uma mesma folha ou trazem escritos que elaborei depois.

Apresento os desenhos na ordem em que foram feitos para expressar as experiências vividas e as transformações do trabalho. Os aspectos abordados são diversos, trabalhadores da rua, alunos na saída da escola, momentos no trem, anúncios de terrenos à venda, encontros às margens da represa. Não há uma divisão temática, a multiplicidade de imagens propõe a construção de um imaginário sobre o território a partir de sua diversidade e das experiências nele vivenciadas.

Diversas vezes me perguntei se seria necessário pintar a pele das pessoas nos desenhos para expressar que o Grajaú é um território habitado por maioria populacional negra. Entretanto, as imagens construídas nos desenhos estão imbuídas da presença e ancestralidade negras. Ao sublinhar o reconhecimento da cultura negra na região manifesta pelo desenho, não diminuo as existências brancas, indígenas, orientais e árabes no território, busco porém me contrapor aos processos racistas de silenciamento e apagamento contra a população negra, enraizados em nossa estrutura social e de produção epistemológica.

Caminhar e desenhar o lugar onde vivo foi um processo de ativação de experiências de afeto, de memórias pessoais e coletivas e de questionamentos. Em consequência disso, reconheço nesta forma de criar, caminhos possíveis para um processo de auto-escuta. Contar sobre este lugar é também falar sobre minha história. Ao desenhar meu lugar de nascimento, construo também um desenho de mim.

Bibliografia

BARRETO, Lima. Diário Íntimo. In: Domínio Público. Rio de Janeiro, 1900.
Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf>

CAFFÉ, Carla. A(e)rea Paulista. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. São Paulo: Tese de doutoramento em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2013.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAROSSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: Educação e Realidade. Ed. 28, pp. 101-115, jul/dez, 2003.

MANCERA, Kevin Simón. La Felicidad. Colômbia: Volca Mundo, 2012.

MEDEIROS, Vânia. Cidade Passo: Conversações entre arte, design e etnografia. São Paulo: FAU USP (Tese de Mestrado), 2017.

PALLAMIN, Vera (org). Cidade e Cultura. Esfera Pública e Transformação Urbana. São Paulo: Editora Liberdade, 2002.

POE, Edgard Allan. O homem das multidões. In: MENDES, O. (trad). Ficção completa, poesia & ensaios. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

RUSSO, Juliana. São Paulo Infinita. São Paulo: GG Brasil, 2015.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. 4ªed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2009.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2008.

Filmografia

CABEÇAS FALANTES. Natasha Rodrigues. Brasil, 2017.

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR. Marcelo Gomes. Brasil, 2019.

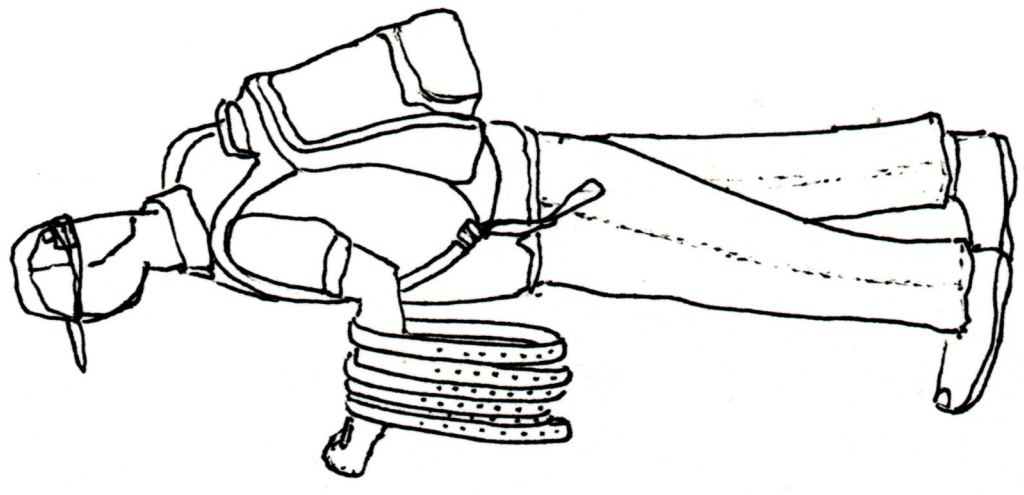
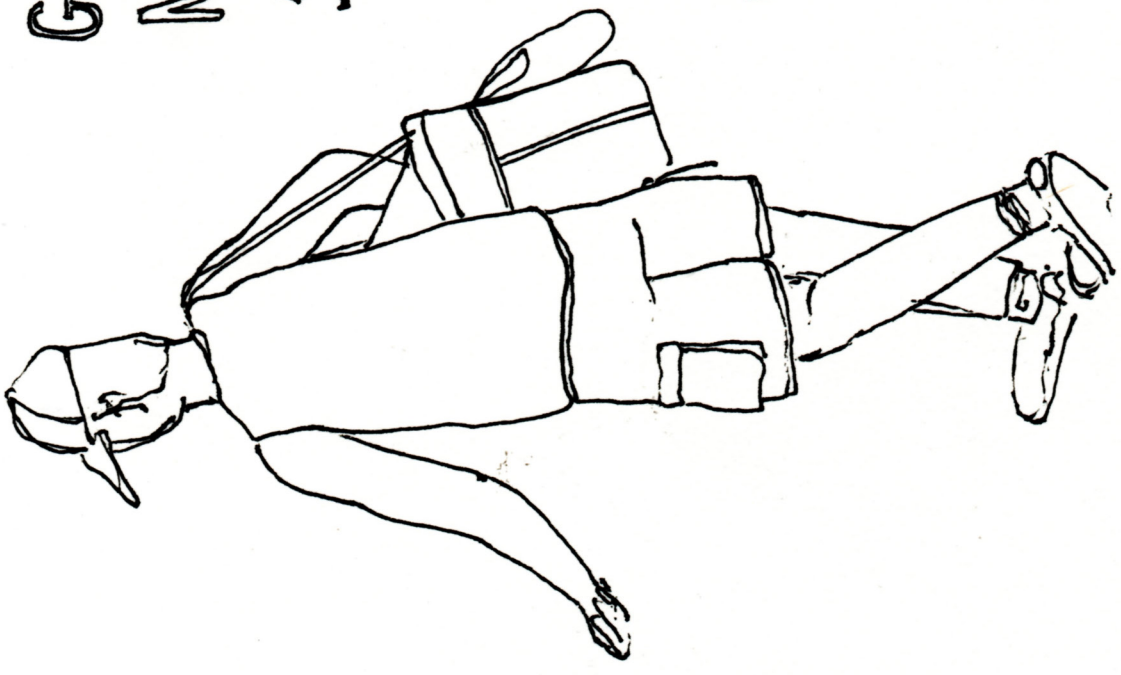
Pintura

PAULA, Dalton. Lima Barreto. 2017. Óleo sobre Livro | 22 x 15 cm.

CADERNO 1

o que interessa desta paisagem?
o que eu consigo ver?

GELADINHO NATURAL 1 REAL



homens de mais ou menos 40 anos de idade

DIA 03 DE ABRIL DE 2019

DECIDI, COMO PROGRAMEI, EM MEU CRONOGRAMA DE ATIVIDADES, SAIR A TARDE PARA DESENHAR. MEUS OLHOS SEMPRE SE VOLTAM PARA AS PESSOAS QUE TRABALHAM NA RUA, FAZEM DESTA O LUGAL DA OPORTUNIDADE E DA SOBREVIVÊNCIA. NA RUA ESTÃO OS VENDEDORES DE FRUTAS, GELADINHOS, CINTOS, E UMA INFINIDADE DE OUTROS PRODUTOS, QUE OS QUAIS, MAIS QUE CONTAR SOBRE UM MODO DE SOBREVIVÊNCIA, FALAM TAMBÉM SOBRE CONSUMO, QUE TIPO DE ALIMENTOS OU PRODUTOS CONSUMIMOS?

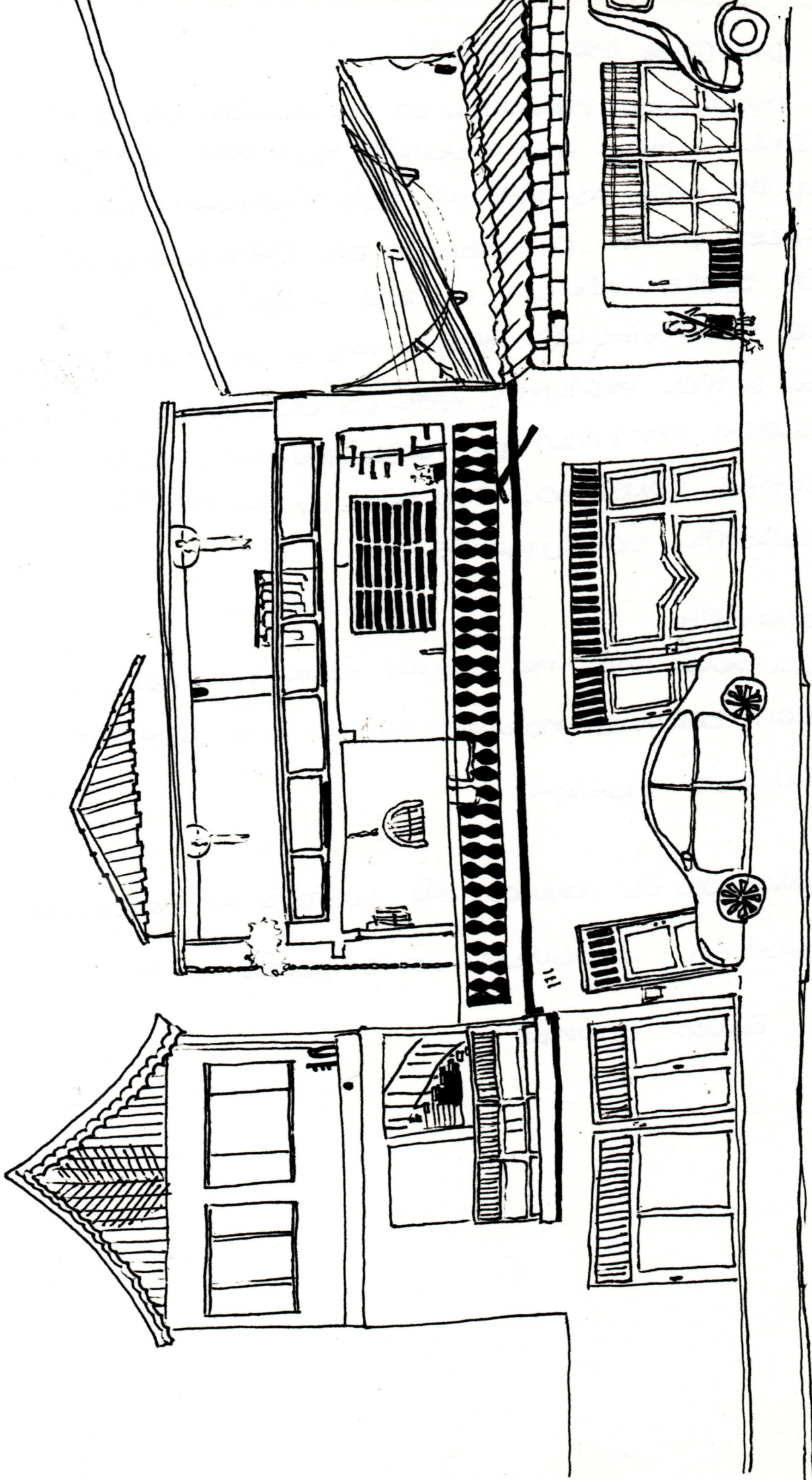
05/05/2019

NA PRAÇA ONDE ME SENTEI, TINHA MAIS PESSOAS COM BARRACOS MORANDO ALI DO QUE QUANDO EU ERA CRIANÇA.

NOVAMENTE, OS BANCOS SÃO LUGARES DE OPORTUNIDADE, PERMITEM INAUGURAR NOVAS AÇÕES NO ESPAÇO.

○ BANCO CONVIVI

*Seu bastante enquento
desenho no sol.*



RUA DE LAZER

Ótica Popular Loja de Fábrica

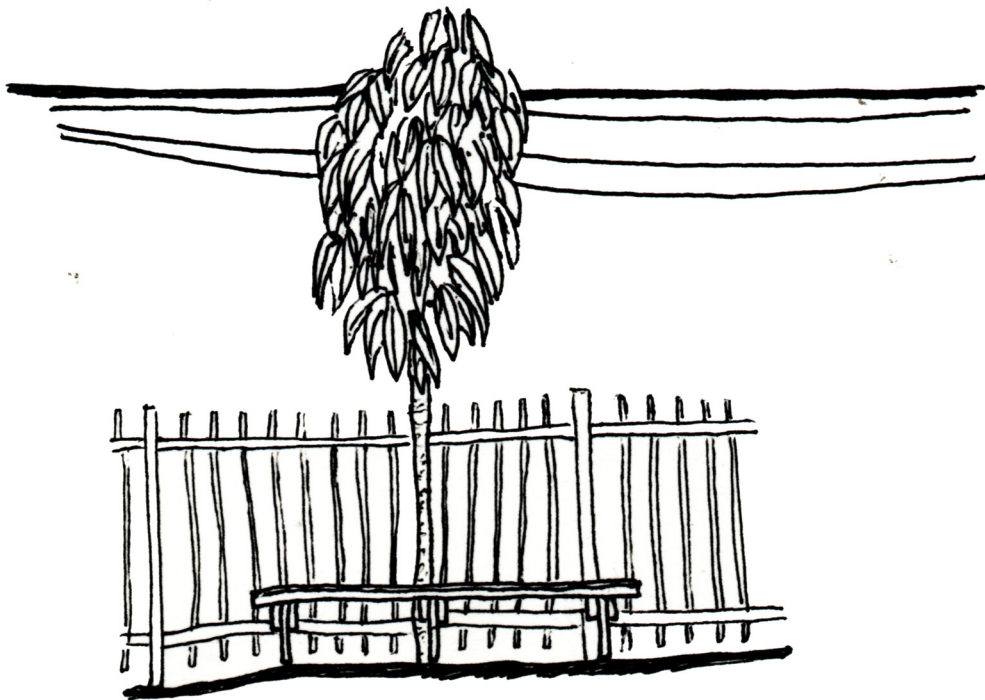
ÓTICA NA VILA SÃO JOSÉ

04/05/19

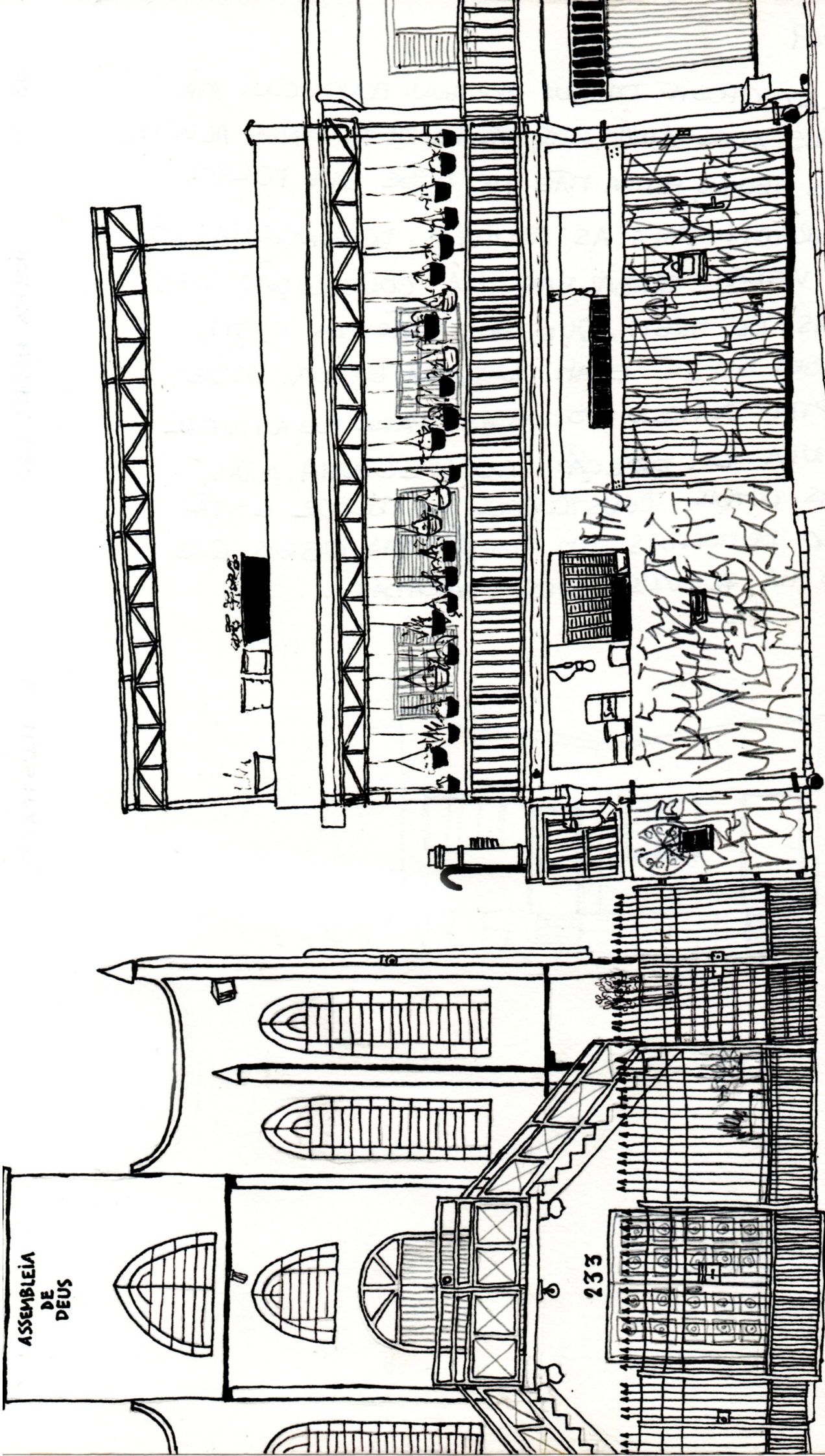
Vou caminhando na rua agora e recolhendo folhinhas das plantas que encontro pelo caminho. elas falam do lugar e de meus trajetos aqui pelo Grajaú.

Uma pessoa colocou um banquinho do outro lado da calçada bem em frente à casa que queria desentar. Quando alguém coloca um banco na calçada se inaugura um espaço.

O banco está logo abaixo de uma árvore comprida e fina que não faz muita sombra no banco. Não é um banco improvisado, é um banco muito bem feito de madeira, parece coisa feita por marceneiro.



FAZ O QUE ESTIVER DENTRO DA SUA POSSIBILIDADE.



RUA GIOVANNI BONONCINI

233

O culto está acabando, as pessoas estão saindo da igreja.
mulheres de saia e homens de calça.

"VOCÊ TÁ ESTUDANDO, MEU AMOR?
LÊ UM FOLHETINHO TAMBÉM DA
PALAVRA DE DEUS, TÁ BOM?"

"TÁ BOM, OBRIGADA."



"E VOCÊ, PAROU DE BEBER?"

"PAREI, MANO."



Ainda não
Chegou a minha
Hora

Quando o assunto é relacionado com Deus, é comum ouvirmos pessoas dizendo que ainda não chegou a sua hora. Este "ainda não" revela que admitem mudar de atitude no futuro.

Quando, ninguém sabe. Dão até a impressão de que buscar a Deus é coisa para velho, para quem não têm mais nada o que fazer.

A Bíblia ensina que devemos buscar a Deus desde a nossa infância: "Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele" - Provérbios 22:6. O próprio Jesus disse:

"Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus.." - Marcos 10:14.

Do lado dessa casa com as plantinhas penduradas, há uma casa ainda maior e toda bem acabada. Enquanto se desenhava, uma família negra estava na calçada da casa com o portão aberto, eles moram nela. A impressão que tive é que moram nesta casa já há muitos anos e que eles mesmos a construíram e acabaram, assim como acontece com as pessoas que têm casa própria aqui no Grajau.

Particularmente, me senti orgulhosa em ^{ver} uma família negra, estabelecida, em uma casa tão grande.

FALO DO QUE ESTÁ POR TRÁS

EXPERIMENTAR A RUA.

11/05/19



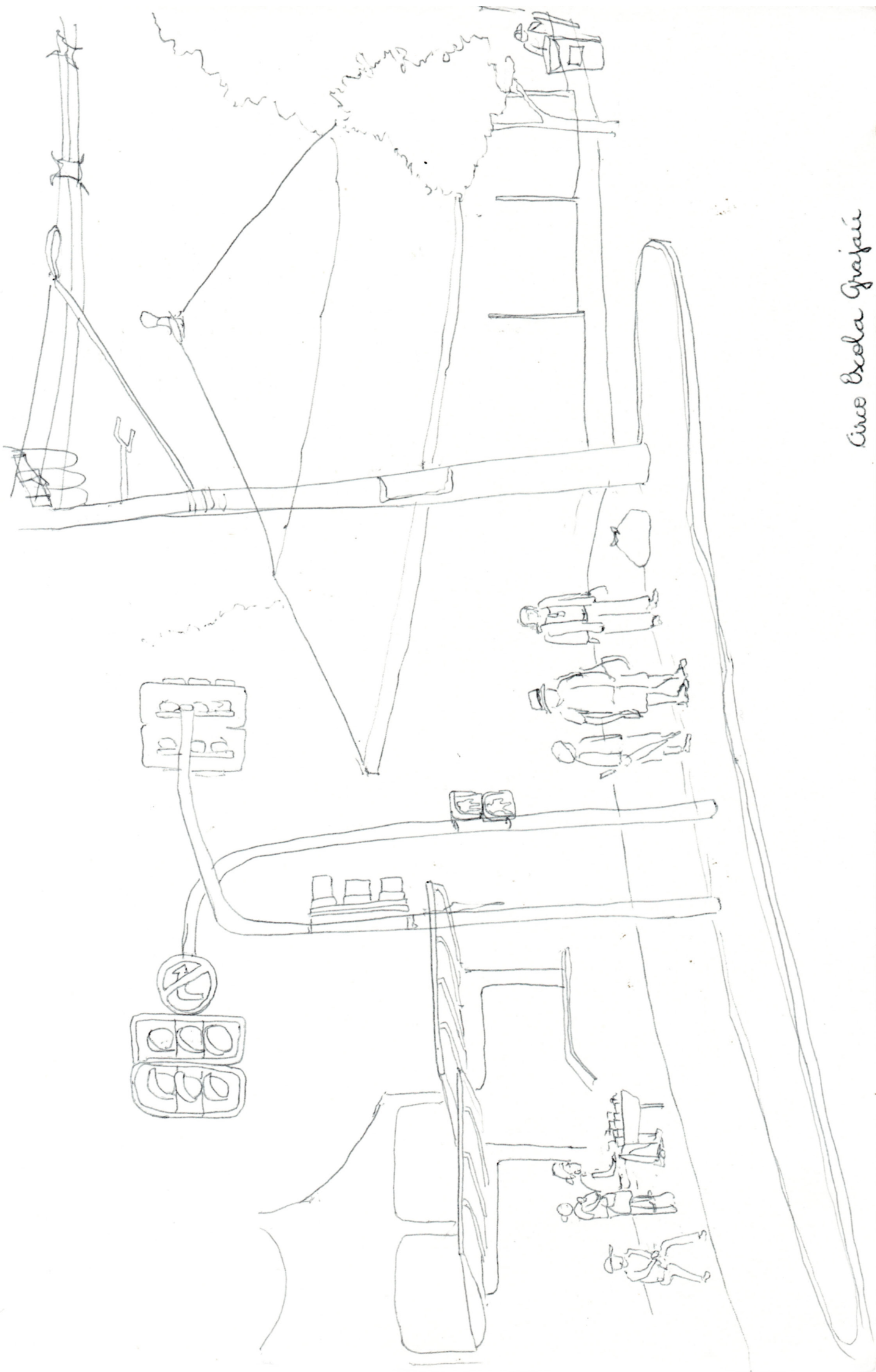
JANELINHAS
COM GRADE
PARA TENTATIVA
DE QUINTAL
COLETIVO QUE
QUASE NINGUÉM
USA E NEM SE
DÁ 'BOM DIA'
(INCLUSIVE EU)
NO CONDOMÍNIO
EXTRANHAMENTE
CHAMADO
'NAÇÕES UNIDAS!'

11/05/19

O LADO OPOSTO DA RUA GIOVANNI BONONCINI ATÉ
ALGUNS ANOS ATRÁS, OITO, TALVEZ SETE, TINHA ALGUMAS
CASAS IGUAIS, MINHA MÃE ME DISSE QUE FORAM
CONSTRUÍDAS PARA AS FAMÍLIAS DO FUNCIONÁRIOS
QUE VIERAM TRABALHAR NA CONSTRUÇÃO DAS
LINHAS DE TREM, QUE HOJE SÃO DA CPTM,
NÃO SEI SE JÁ ERA NAQUELA ÉPOCA. HOJE,
A CPTM DEMOLIU AS CASAS PARA REATIVAR
A LINHA EM DIREÇÃO AO VARGINHA. ALIÁS,
MUITAS OUTRAS CONSTRUÇÕES AO REDOR ESTÃO
SEENDO DEMOLIDAS EM FUNÇÃO DAS OBRAS QUE
ESTÃO HÁ ALGUNS ANOS PARADAS.



SE EXISTE CINEMA NEGRO, SERÁ QUE EXISTE ILUSTRAÇÃO NEGRA?



Circo Bola Grajau

Ontem, dia 15 de maio, quando desenhei com uma caneta diferente, muito mais simples, uma caneta de brinde, senti que gostei mais do traço do desenho, apenas gostaria que ela fosse mais escura. Gostar mais dos dois últimos desenhos me colocou em desajuste com os desenhos anteriores, acho que já não gosto muito dos desenhos das fechadas com ~~as~~ as canetas que usei, mas entendo que são parte do processo. E a partir desta compreensão tenho pensado que o livro também será um reflexo destes processos, de modo que o que antes eu pensava esconder agora vai aparecer para mostrar os caminhos que atravessei para andar por onde ando.





Você vai no Banco do Brasil e seu dinheiro não está lá.
Sai fora!

AQUI RESPEITAMOS
O SEU NOME SOCIAL

Aprendendo formas de
usar a caneta

CRAS GRAJAU

15 DE MAIO

EM AGOSTO CONSEGUI A GRATUIDADE NO BILHETE ÚNICO COMO ESTUDANTE,
QUASE 3 MESES DEPOIS DO CAD ÚNICO.

"EU SOU SILÊNCIO NOTURNO"

Encontros e momentos
fizaram com que eu
desentasse merda do
que eu planejava
nessa tarde, e
foi muito agrada-
dável encontrar
pessoas tão
queridas.



MAMÃE
E
PAPAI

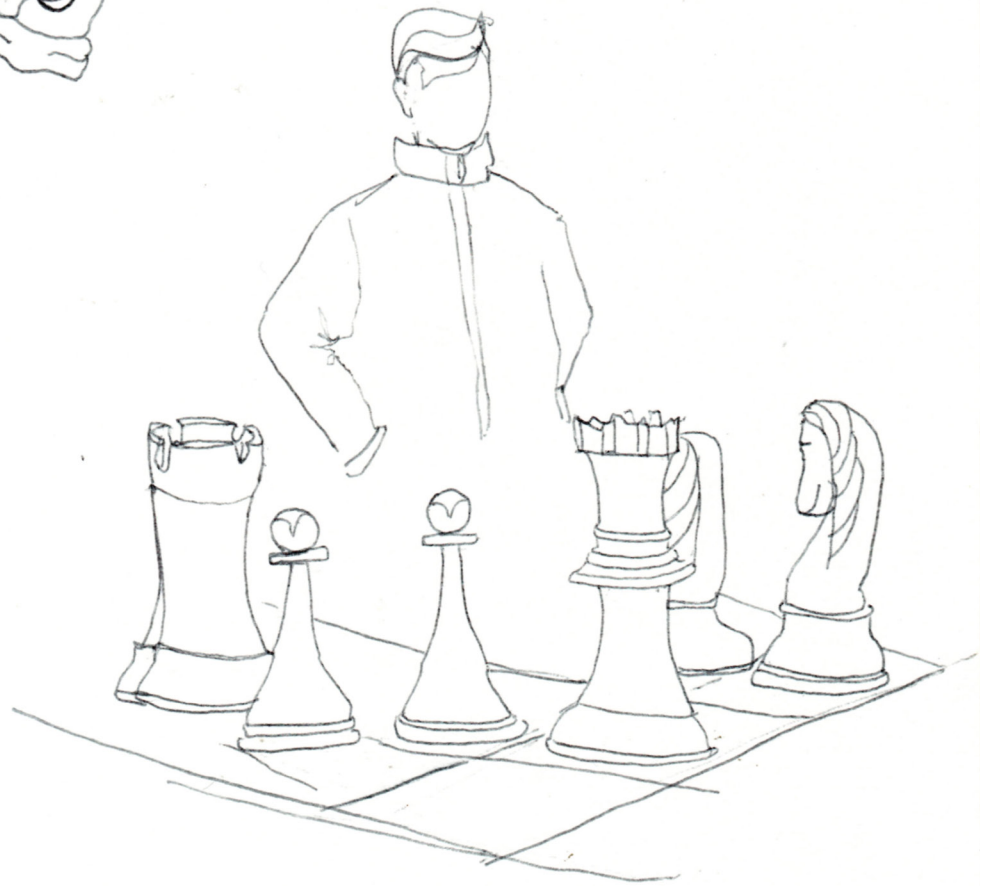


CERVEJA
ARTESANAL





a perspectiva Uxapa.



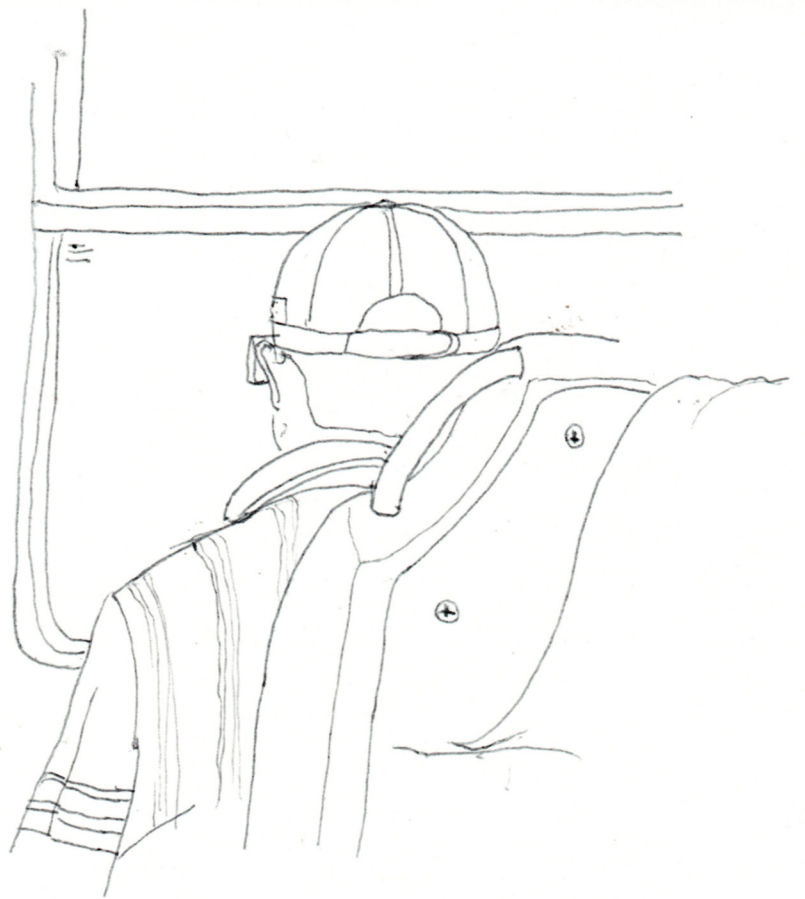
ROMÁRIA
JC
CAIO COIOTE
GI BARAÚNA
TIM
ESTELA

lissas queridas
que encontrei no
Red Bull Amphitheo-
Grajauí.



"NINGUÉM QUER
SABER DE GENTE
VELHA".

O SENHOR DISE
ISSO NO ÔNIBUS,
ENTRE OUTRAS COISAS
QUE NÃO CONSEGUI
ESCUTAR.



A LOTAÇÃO DEU A PARTIDA
RUMO A CAUTINHO DO CÉU

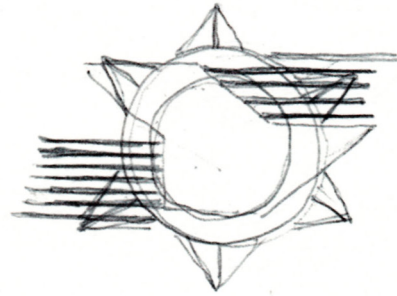
~~Acabei de ser no final da~~
~~lotação, eu não conhecia o~~
~~Cautinho do Céu, por isso de~~
~~resolvi de ser no final.~~
não vou conseguir conhecer
todos os bairros do Grajaú,
mas vou até onde chegar.
Enquanto uma rua, fiquei
me perguntando uma coisa:

ATÉ ONDE O PODER PÚBLICO VAI? COMO VAI? O QUE SIGNIFICA?

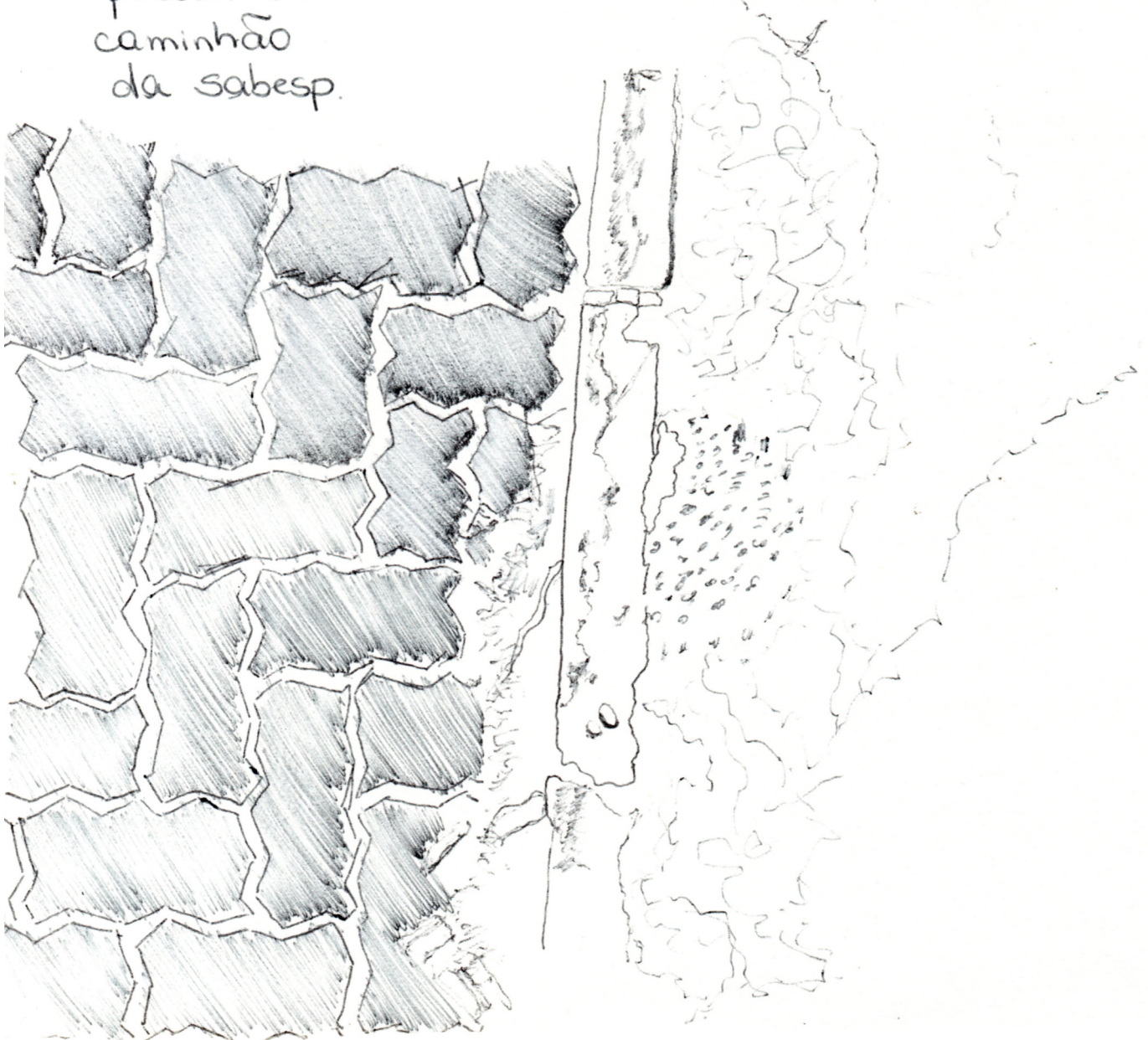
agora acabou de passar a
polícia militar



acabou de
passar um
caminhão
da Sabesp.



fronteira entre área do projeto de
reurbanização e o resto do bairro.





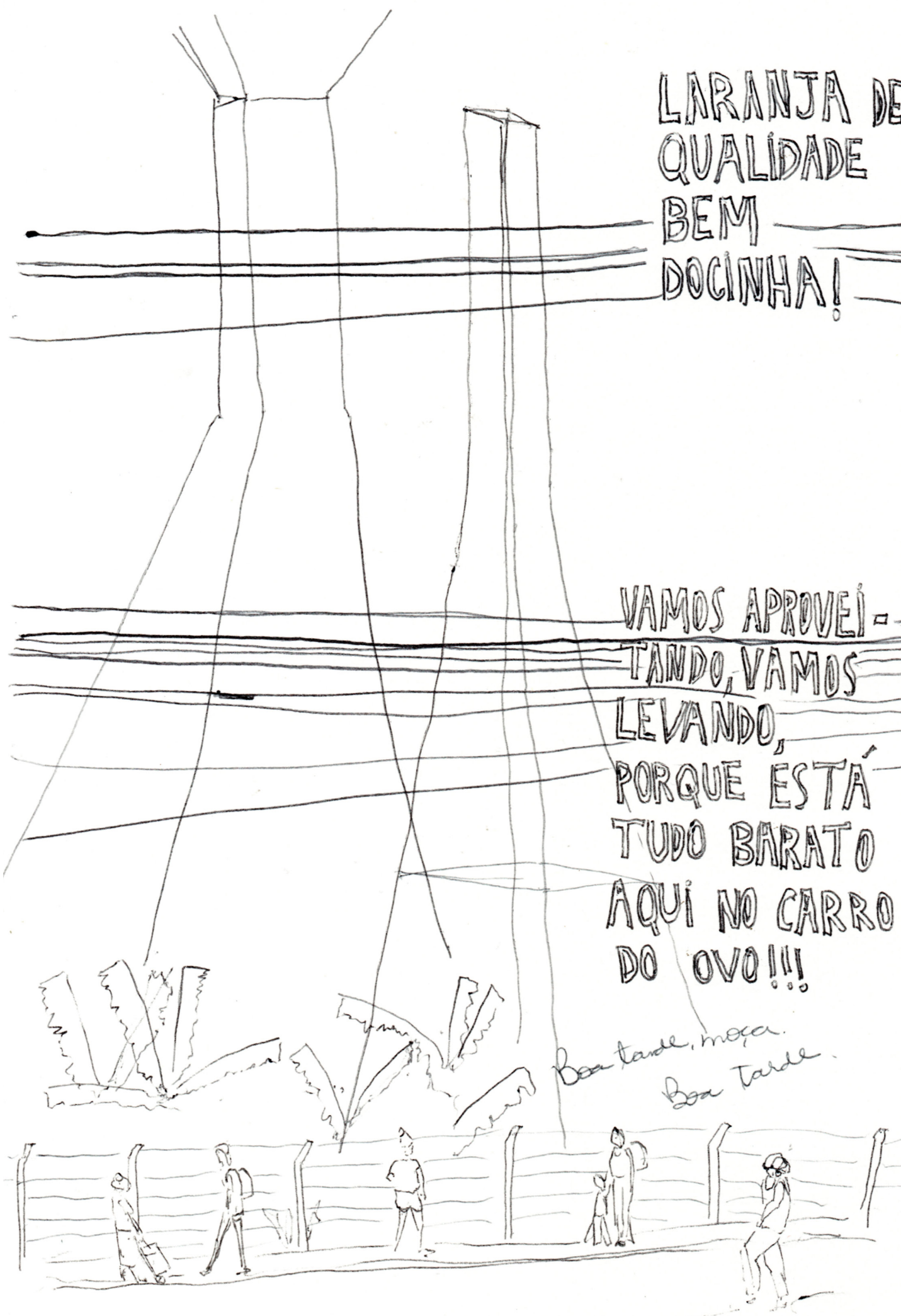
A SENHORA
PEDIU UMA
VISTORIA
DA CASA?



LARANJA DE
QUALIDADE
BEM
DOCINHA!

VAMOS APROVEI-
TANDO, VAMOS
LEVANDO,
PORQUE ESTÁ
TUDO BARATO
AQUI NO CARRO
DO OVO!!!

*Boa tarde, moça.
Boa tarde.*

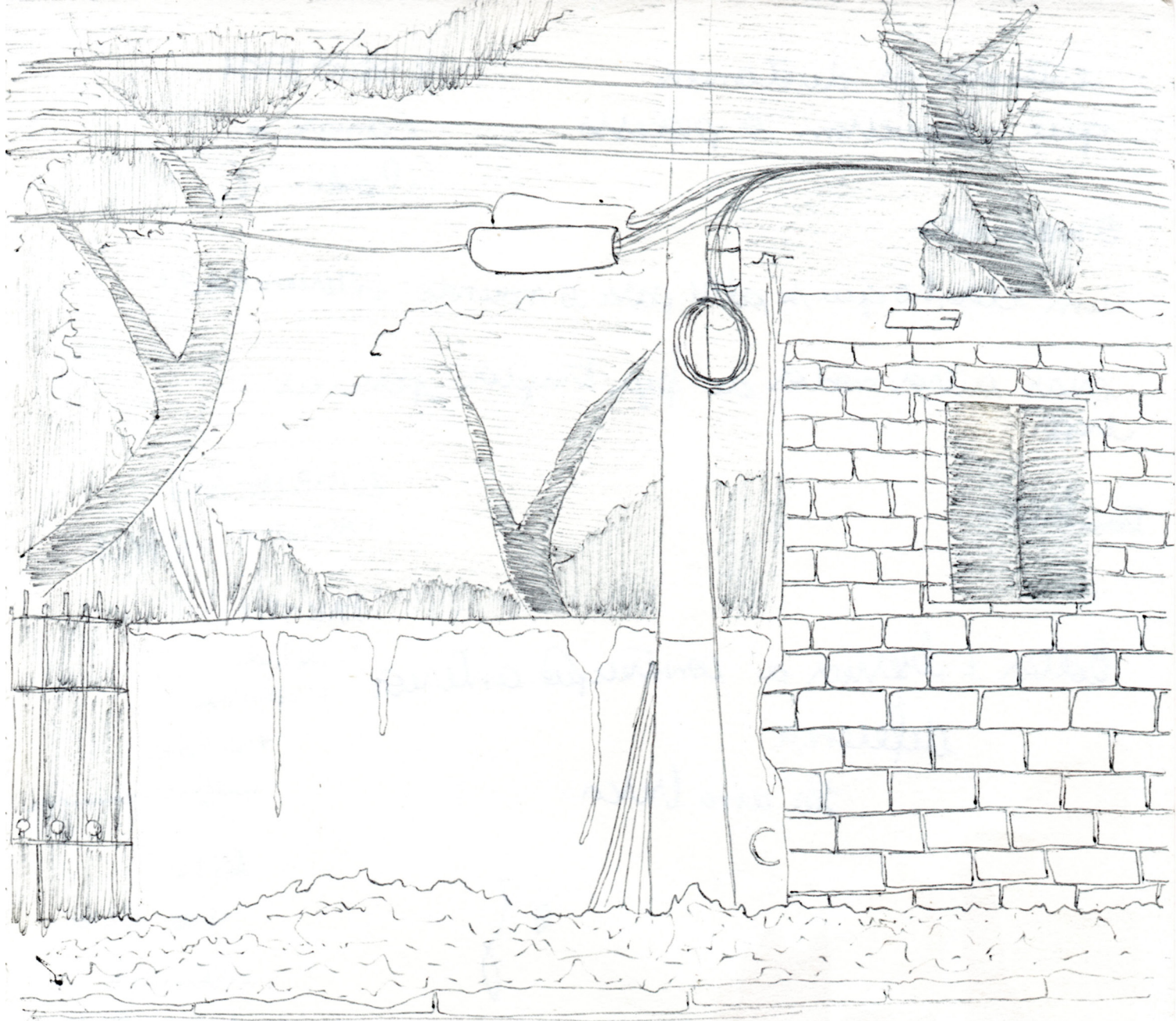


"... a escravidão negra sempre teve como elemento estratégico para seu sucesso a promoção nos escravos de uma percepção de completa ausência de territórios. Ou seja, trata-se de uma população que permaneceu por 350 anos, em caráter oficial, "desterritorializada". (...) formas de resistência negra à escravidão tiveram na busca por "territorializar-se" uma de suas características mais marcantes!"

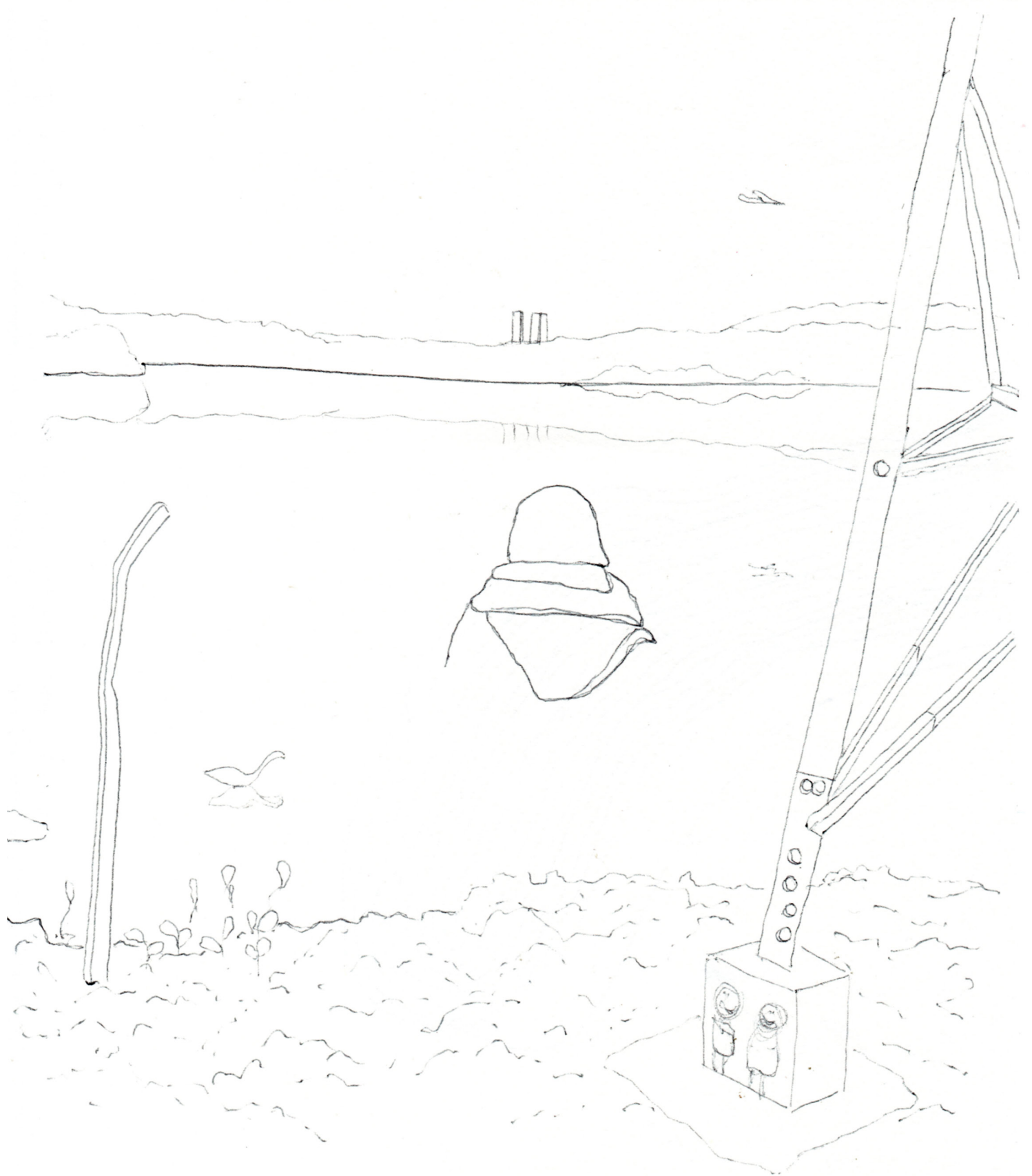
Quilombos e conflitos territoriais no Brasil: o caso do Vale do Ribeira
SP



Sobre
vivência



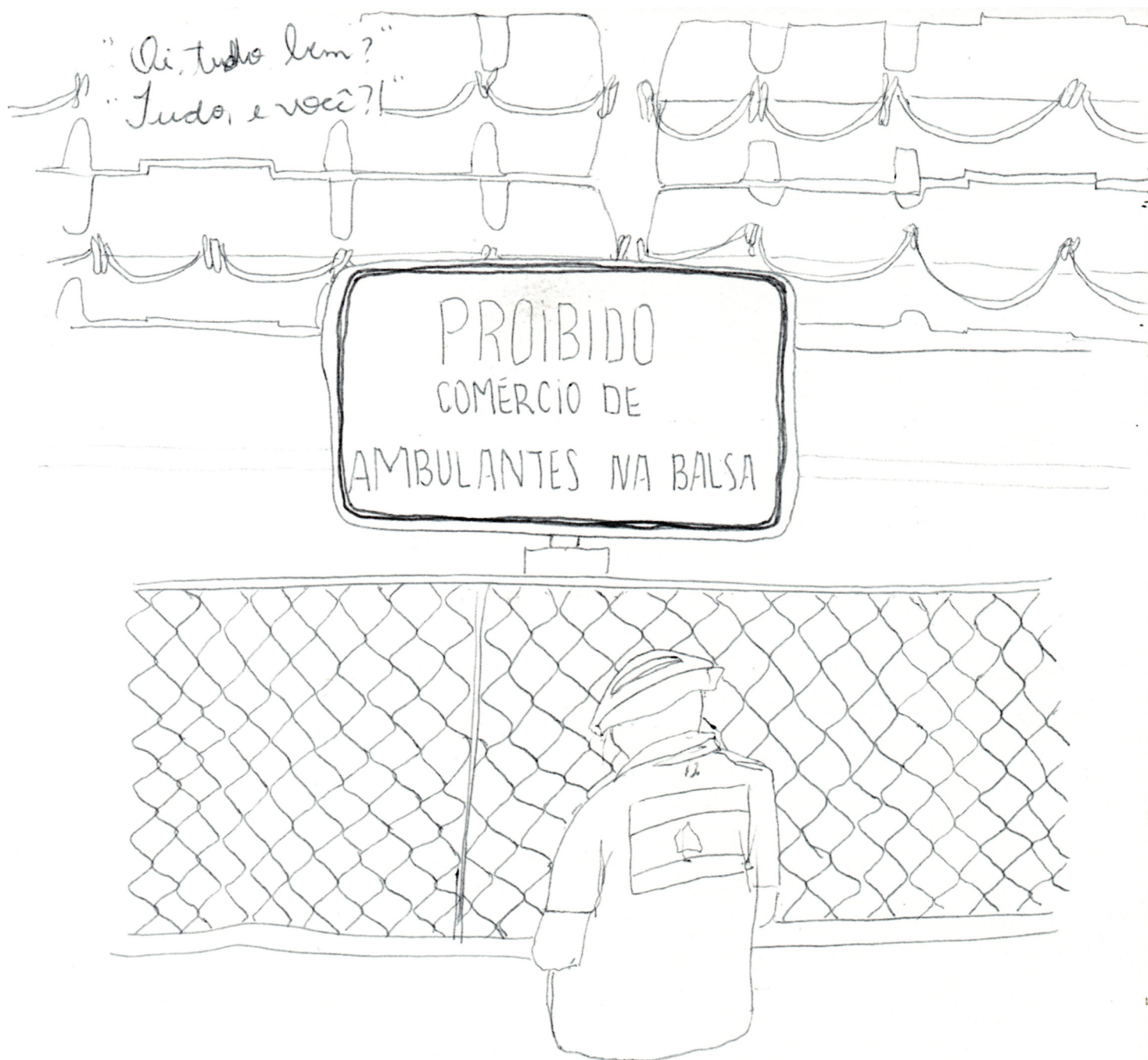
Esperando o ônibus GLU - Terminal Grajaú em um domingo bem friozinho na Ilha do Bororé. Apesar do nome e do aspecto de ilha, por guardar um fragmento de mata Atlântica, o Bororé é uma península. A ilha tem seu corpo atravessado por uma redeira, o Redoanel Mário Caval. Um morador daqui me falou que no período das ditas, encontrou uma cobra dentro da panela no armário da cozinha.



"O Estano trouxe muda de caqui. Ele falou pra
você chamar ele ali no muro, que ele passa a
muda de caqui pra você. Tá bom?"

"Pai, tudo bem? Lendo um rolê aqui na quebrada?"

Esperando a balsa da Ilha do Bonoré partir.



no ônibus da Ilha do Boré, há muitos encontros, as pessoas se conhecem, se cumprimentam e continuam a conversa. O ônibus é um lugar.

"... as populações deslocadas estabelecem novos territórios (no sentido de espaço vivido), enraízam-se novamente, reterritorializam-se."

Quilombos e conflitos territoriais no Brasil: o caso do Vale do Ribeira, SP

RINHA COM
 ENCAIXE E
 COM MÉTRICA,
 TORTURA
 AGORA VIROU
 A CADEIRA
 ELÉTRICA

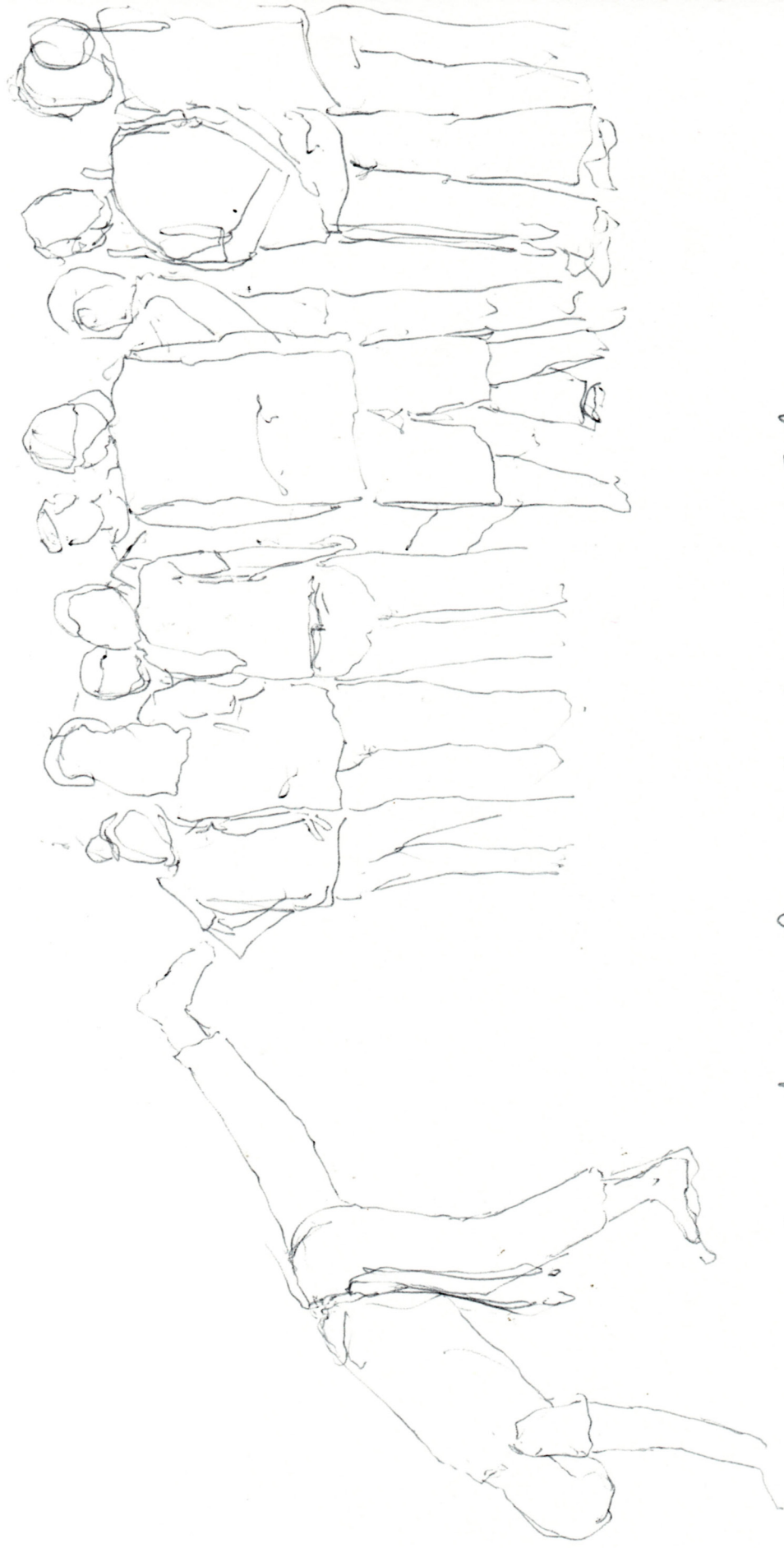


SONS
 DA
 PIA

Muito barulho
 pra quem
 estava das
 janelas das
 casinhas!!!

Gravou Rap City - Coleção do CCG

NA LAPA AË, NA LAPA...



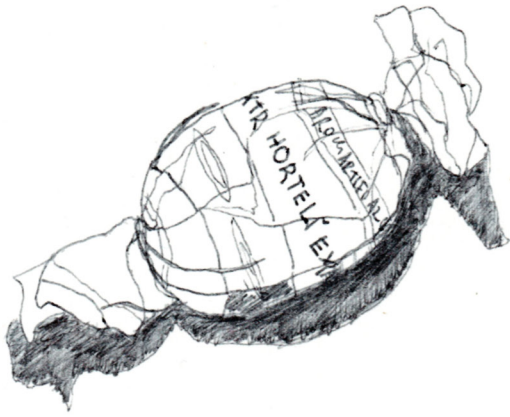
Entre Juino do Grupo de Copieira Anjos do Sol.

CADERNO 2



Baile dos alunos da escola de samba Rock no CCC

A bola de hortelã é
uma das marcas registradas
do Seu Lamião.

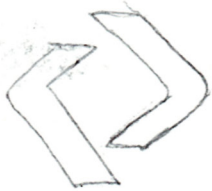


Seu Lamião é uma das
pessoas que mais me ajudou
desde que comecei a aprender

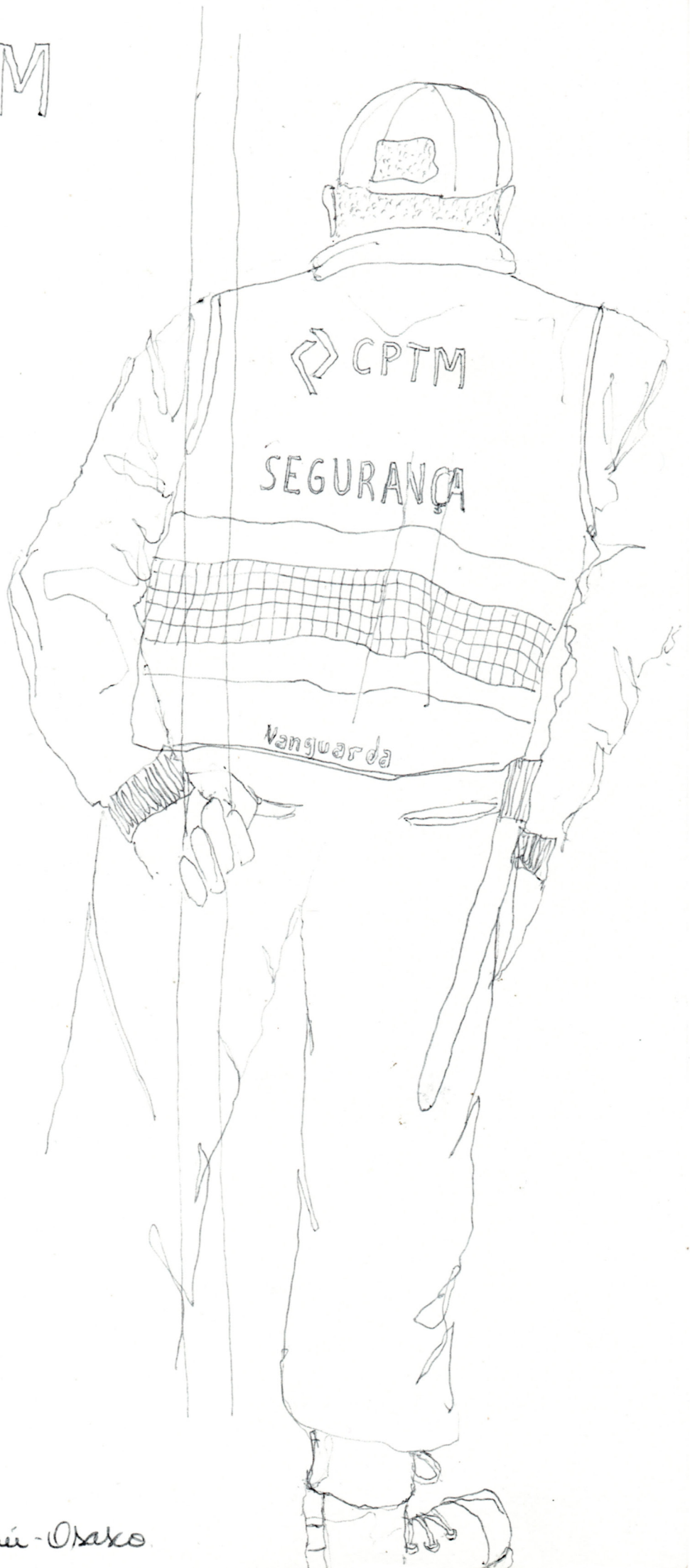
samba rock no Centro Cultural do

Grajaú. Aliás, agradeço muito a oportunidade de
participar das aulas e conhecer as pessoas do
grupo, por causa deste projeto passei a dançar
e entender um pouco mais do significado afetivo
e simbólico que o samba rock possui nas periferias
centralidades periféricas da cidade.



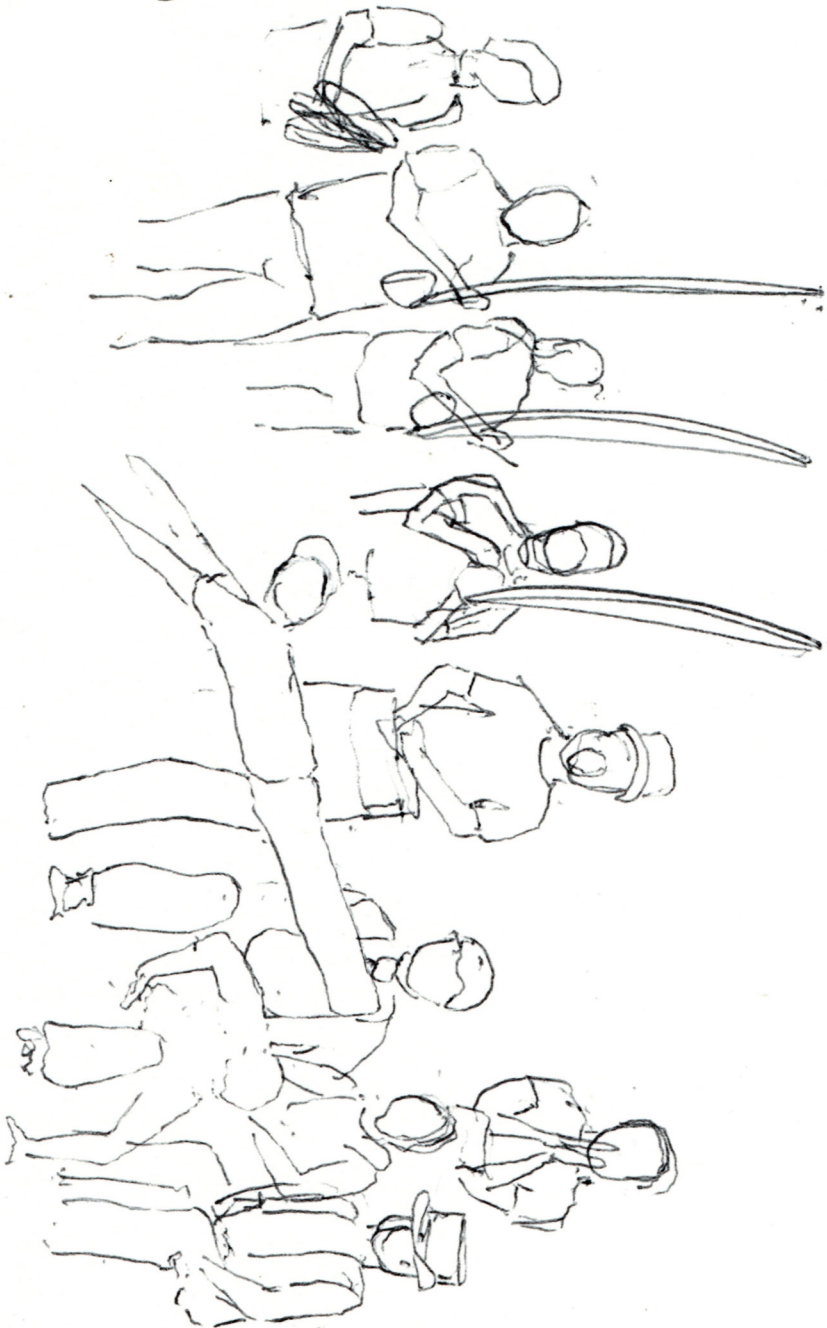


CPTM



no trem da linha Gajau-Osako.

ANIVERSÁRIO
DO MESTRE



CASAS

DROGASIL
EMPORIO

ELA

BOIZA

supermercado

WIZARD

by Pearson

DROGAD

RICOY
JÓIAS
PAULISTANAS

MACAUA

PONTONARIA

da ESFIHA

DEDICAÇÃO
TOTAL
A VOCE

ATACADISTA

BALSAIAÍ

Gaspari

BRANCA

WIZARD
KIKI

PERNAMBUCANAS

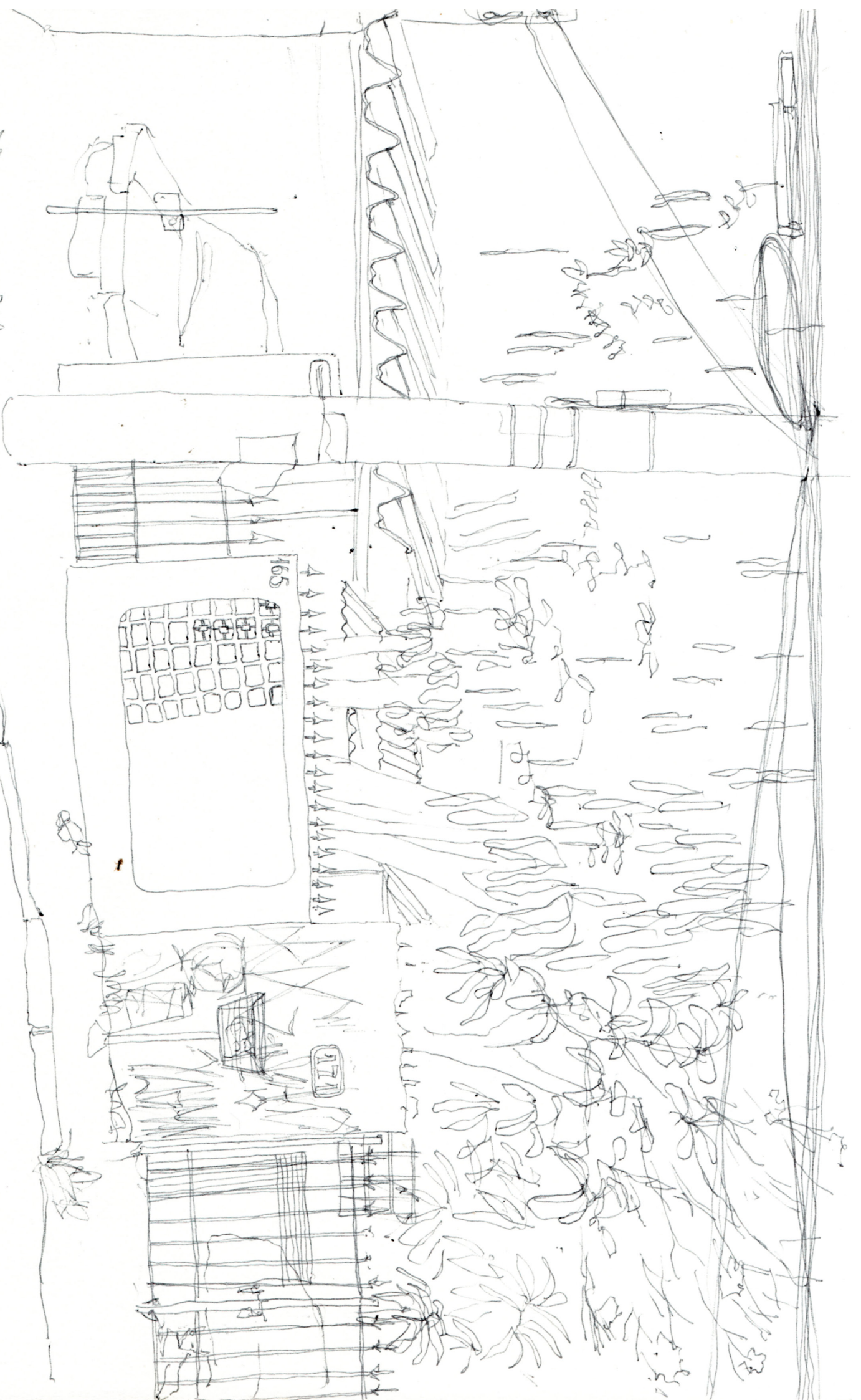
BIG BROTHER

ATACADISTA

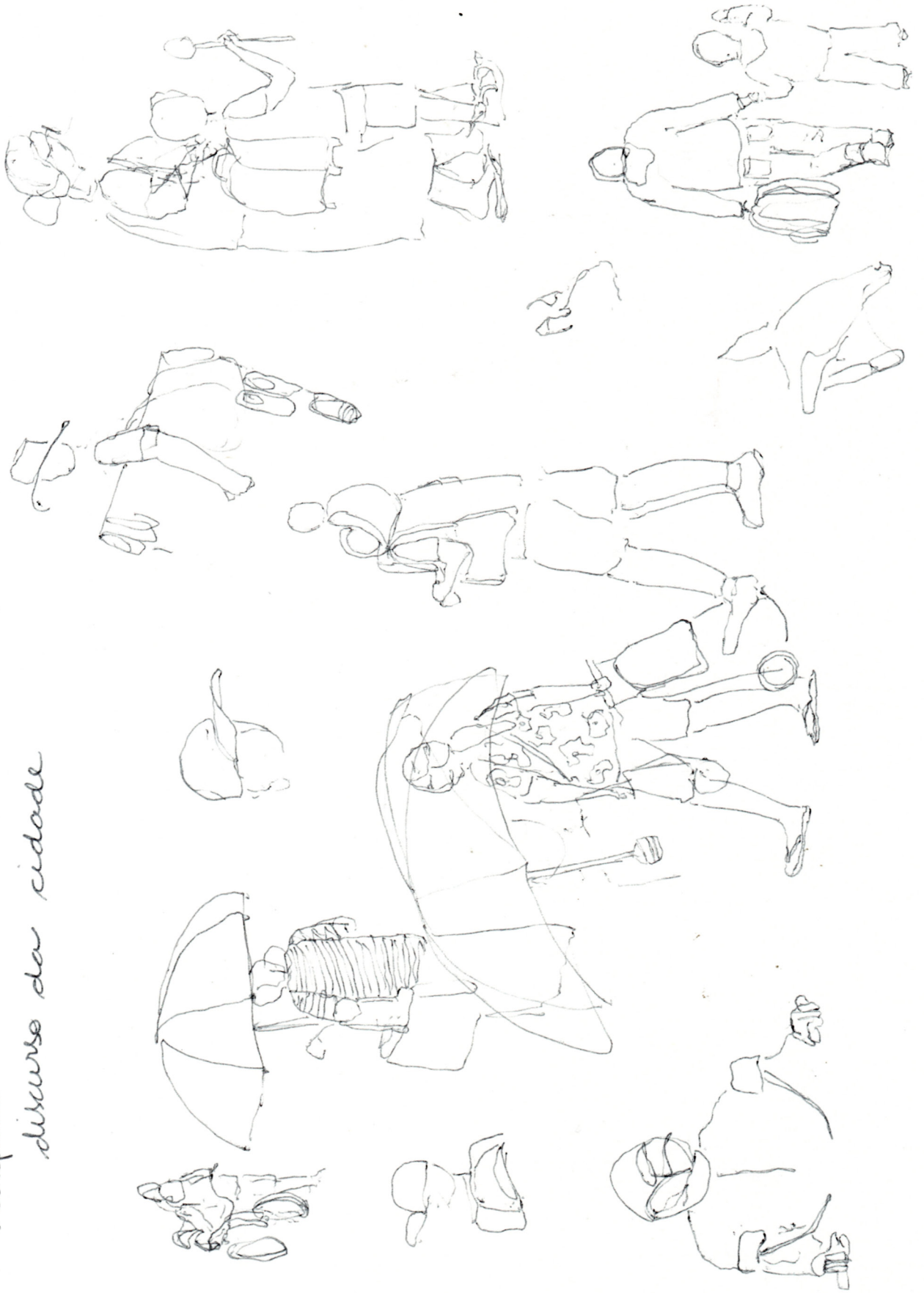
Brasileirão'smart
BATA CADOR



Casa de estíves tempera Cuenda Grande São Paulo



Arquitetura da cidade,
discurso da cidade





- MOÇA, COM ESSE
TEMPERO NEN
PRECISA DE CARNE.
VOCÊ COLOCA ELE
NO FEIJOÃO E PARECE
QUE TEM CARNE.



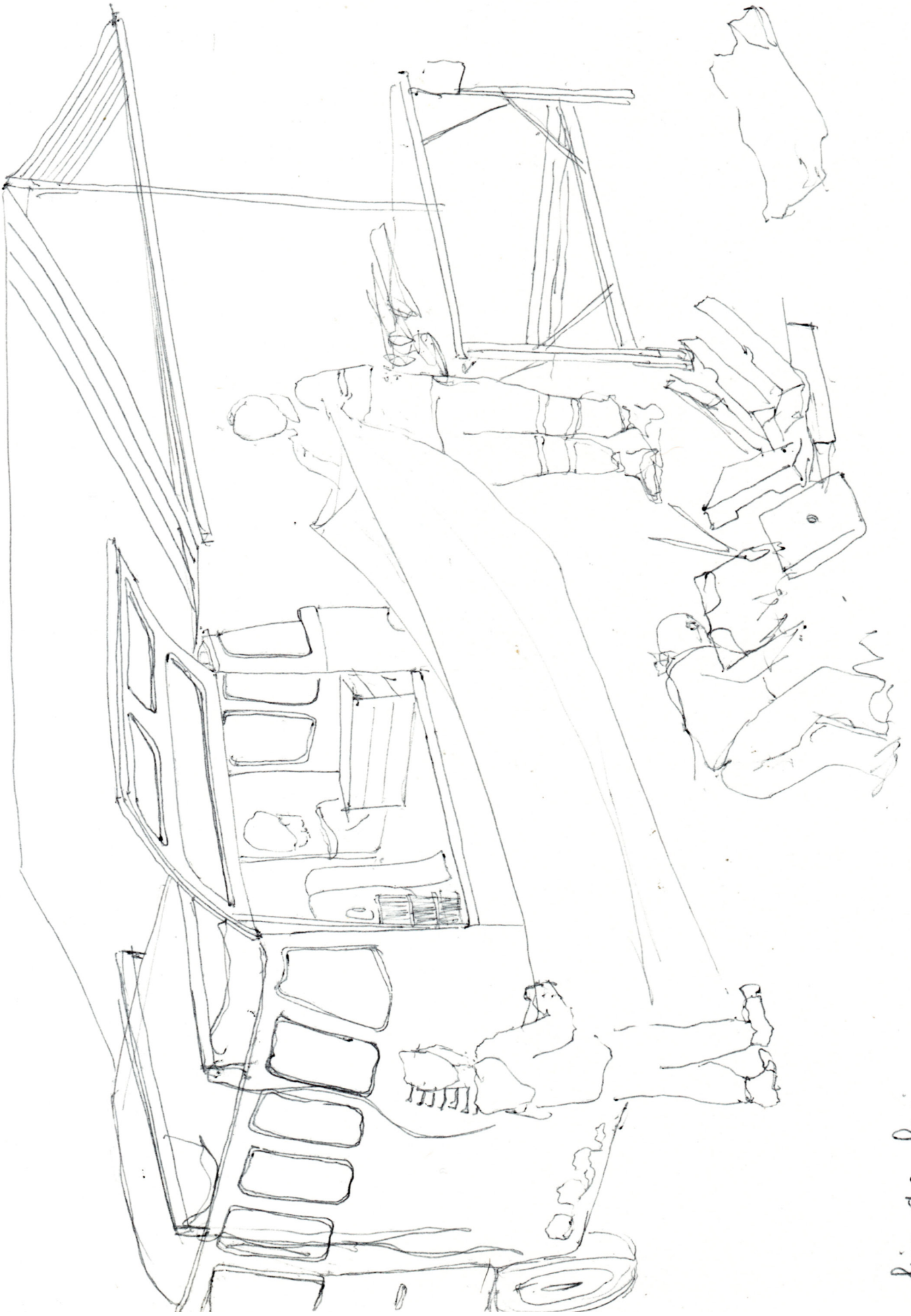
- EU CONHEÇO ONDE É O
TERMINAL GRAJAUÍ DESDE
ANTES DE VOCÊ NASCER.
ELA TUDO MATO, TIUHA
GOIABA...

- MOÇA, EU PLANTO NO PARELHEIROS E VENDO
DO NO GRAJAUÍ, MORONHA, PARELHEIROS TAMBÉM.



na linha de S. J. do P. S. Paulo.

REAL
É A
LARANJA
DA
GRANDE.



fin de levier

Na parte do divertimento
dos menino, moque daquele
tempo, sair para ver gente
mota.



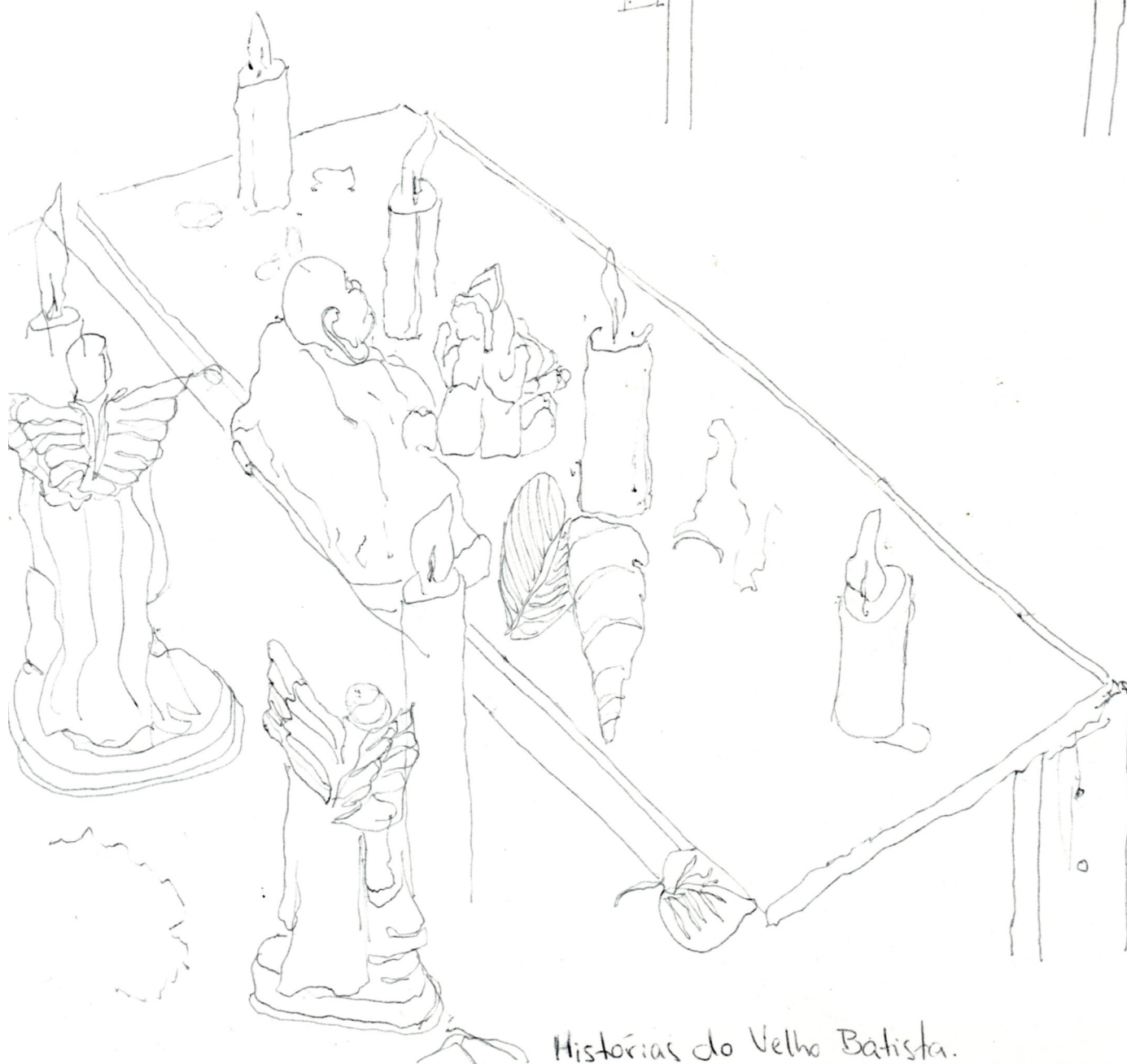
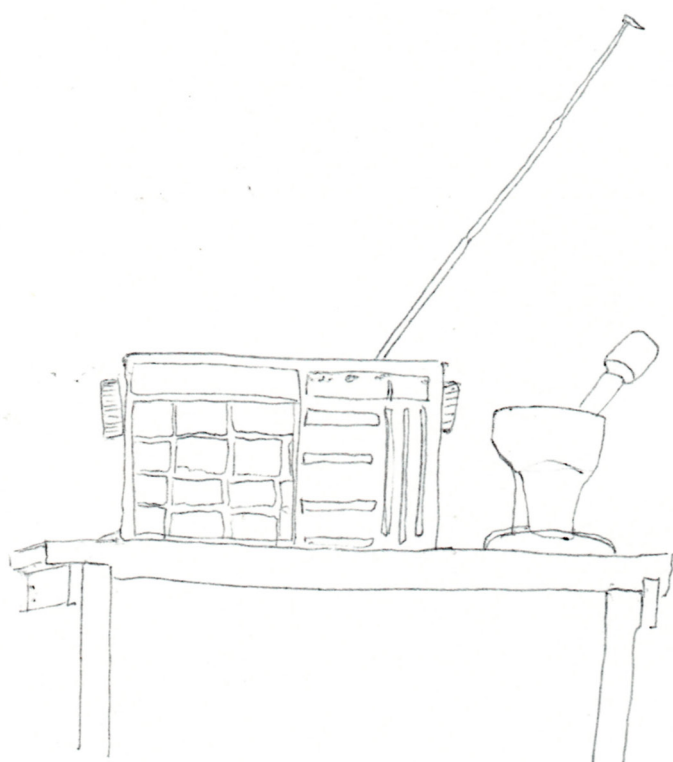
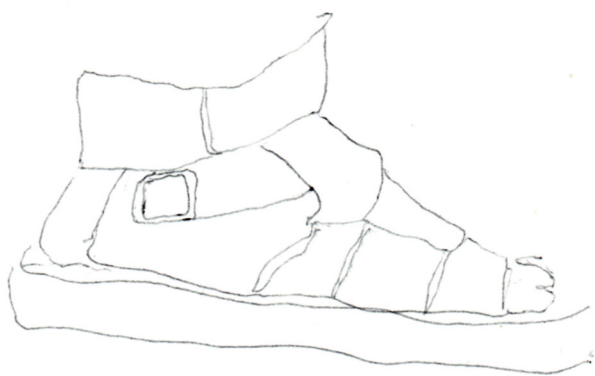
Antes de ter a balça, era vila.



cachava
baque
lambari
casudo
dourado
piranha - preta

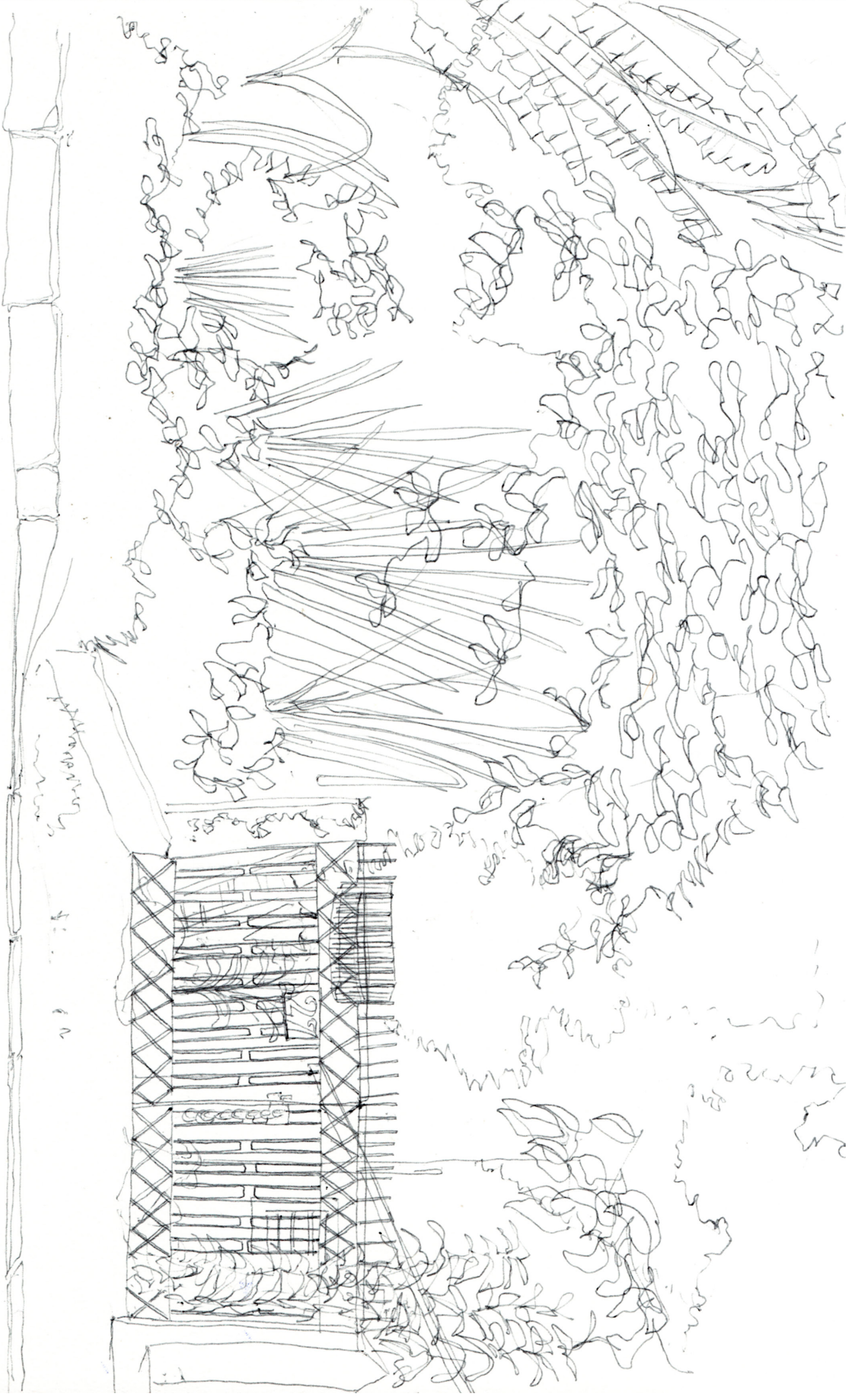
peixes do represa
billings



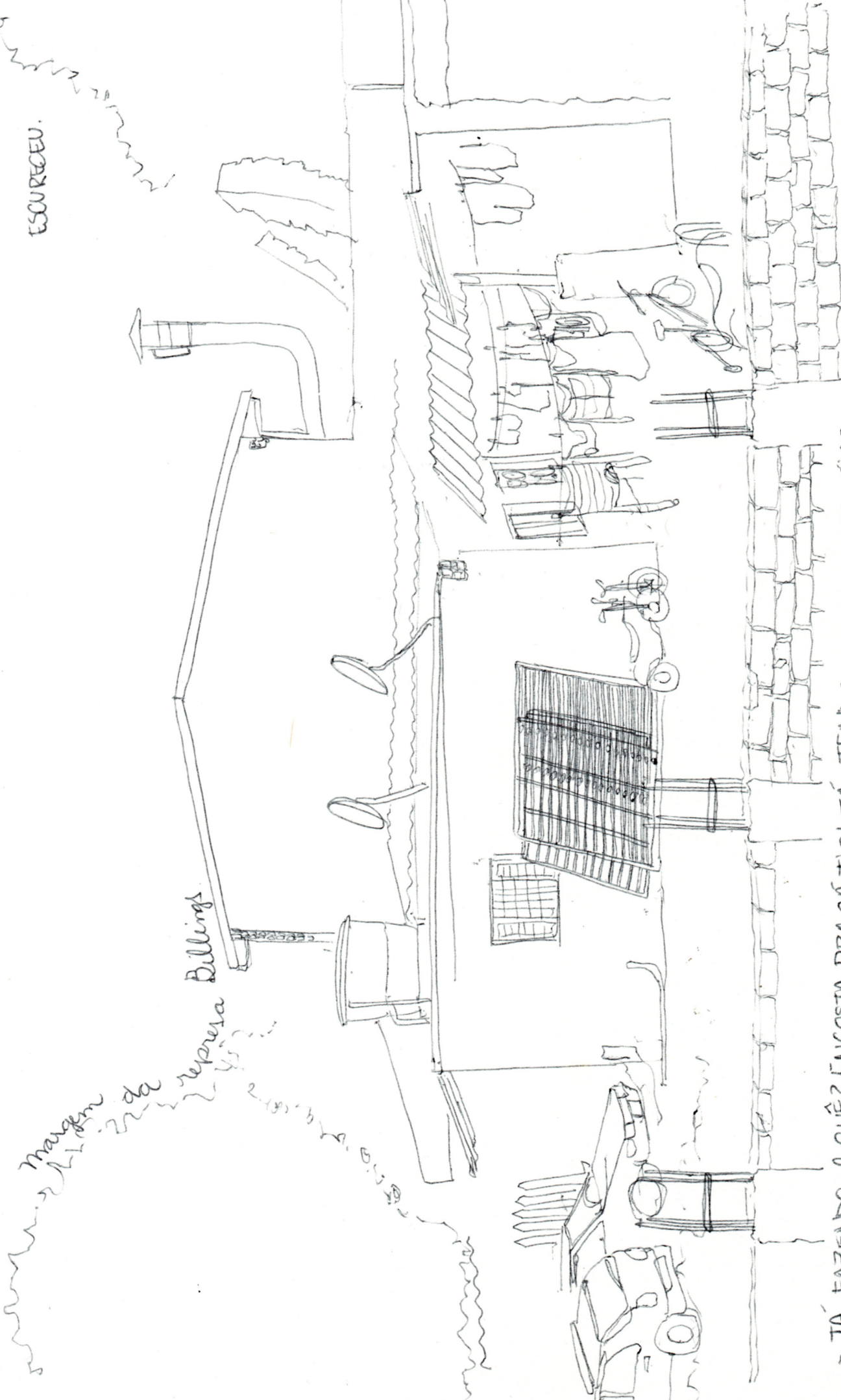


Historias do Velho Batista.

ESTA É UMA DAS PAISAGENS DO JD. ELIUS



ESCURECEU.



Billings

Margem da represa

- TÁ FAZENDO O QUÊ? ENCOSTA PRA CÁ, TIO! TÁ TENDO UM BECK PANOÍIS?

H. Ellus, as margens da Represa Billings.



Adieu, adieu!

Boa viagem. Eu vou me embora.

A CAPOEIRA
É UM
ESTILO
DE VIDA.



CONTRA MESTRE ALAN

E.E. Prof. Dorci Luize.

Sarau do Grajaú

Liberdade de Expressão



Tia Nilde



ELA TINHA
A BARRACA
ALI ONDE
É A ATUAL
DI GASPI.



Arquitetura da vida.

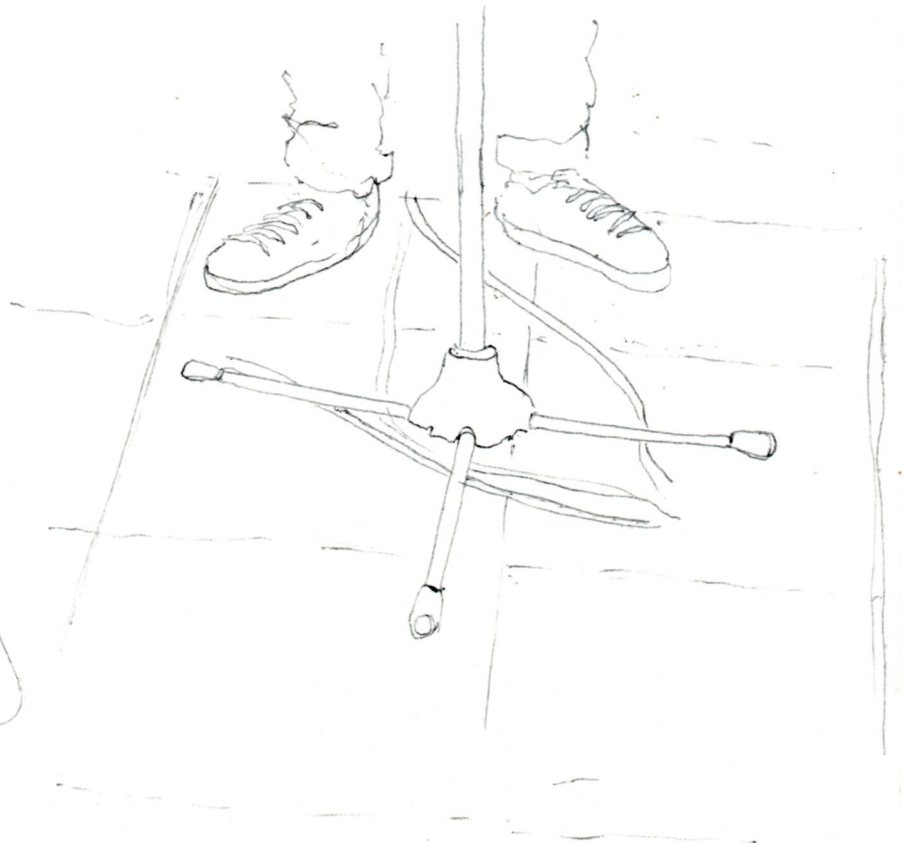
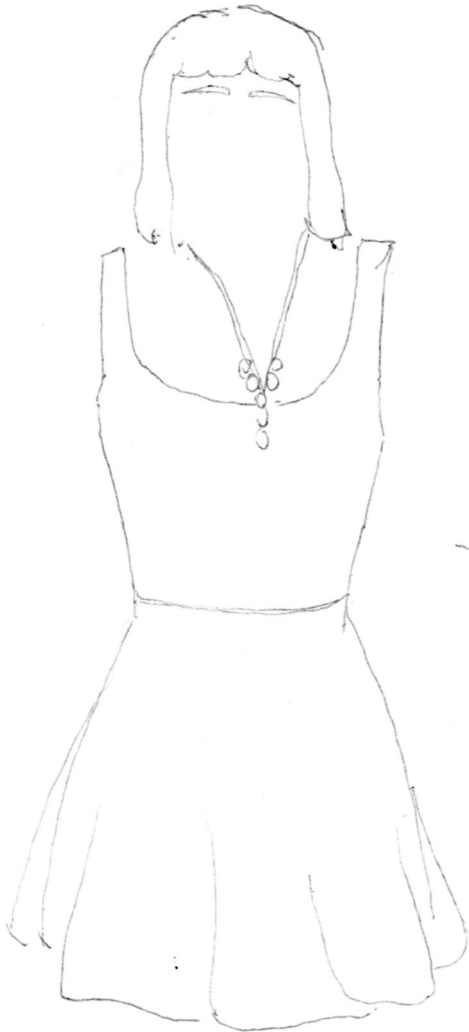
Maurício.



Que lugar agradável
Quanto carinho.



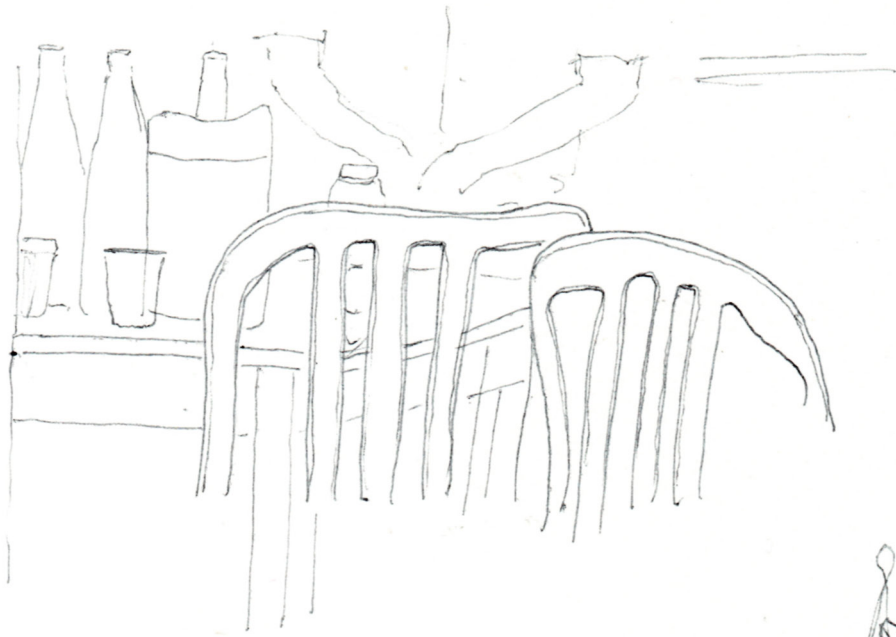
SEU BOA NOITE
NÃO É INOCENTE



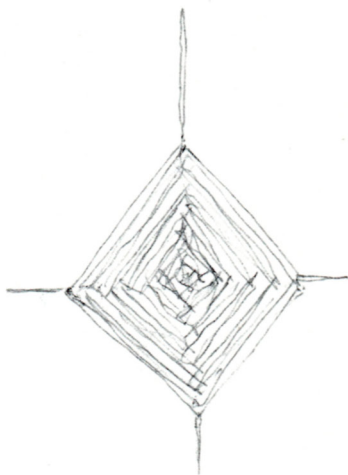
Saravá do Grajaú

A GENTE TÁ EM CASA, A GENTE TÁ ENTRE AMIGOS.

AQUI É PRA GENTE ACOLHER OS NOSSOS.



DOBRA A FORÇA DOS
BRAÇOS QUE EU VOU
SÓ.



Chegue e
avance
léqimas.

Senise
Ahes.

Sorau do Grajau

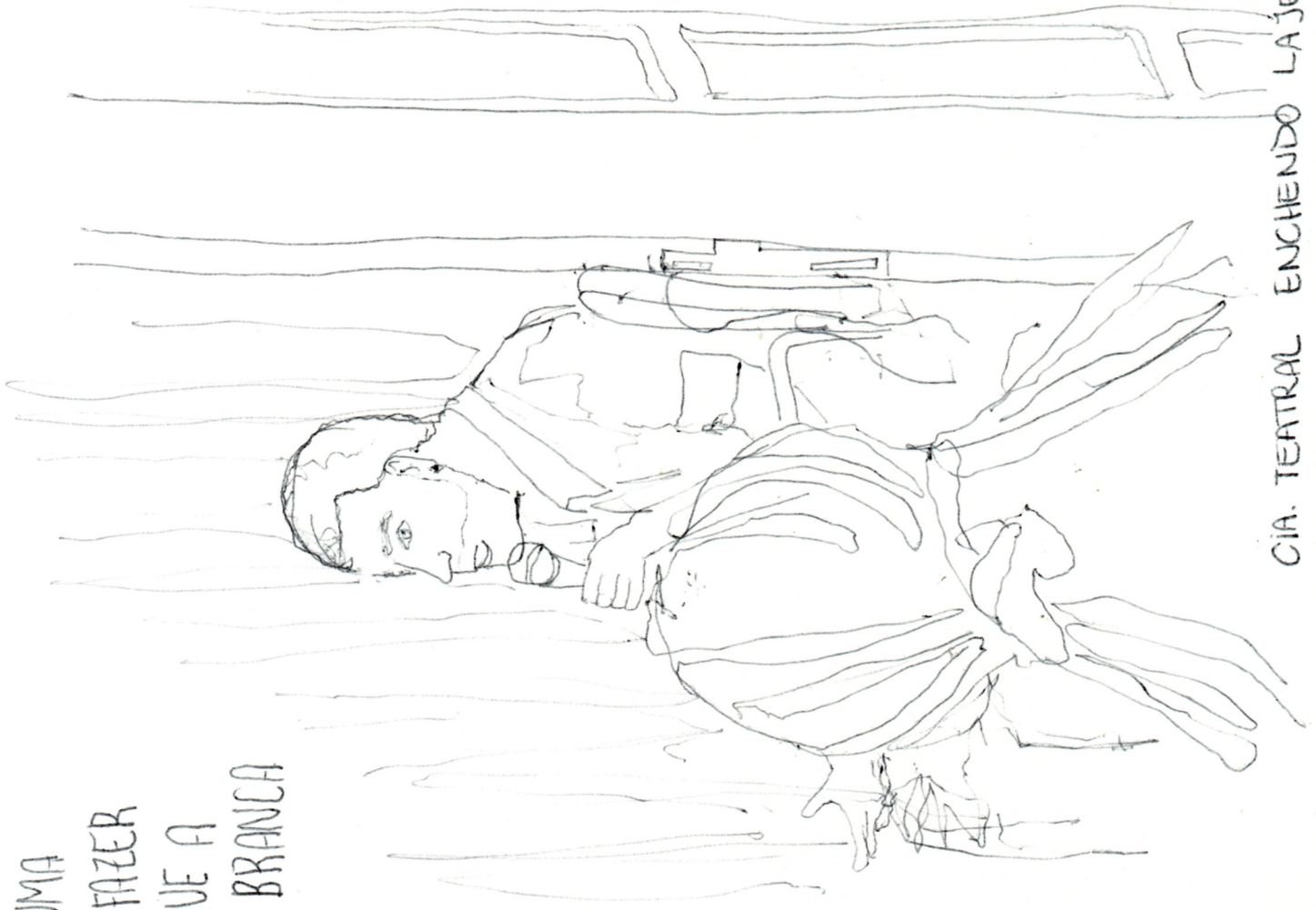
CHEGUEI JÁ TARDE NO SARAU DO GRAJAÚ,
UM POUCO SONOLENTA, UM POUCO TÍMIDA DE
CHEGAR SÓ E AS PESSOAS ME DERRETERAM.

Não tem como falar do Grajaú sem falar das
pessoas.

A ESCOLA É UMA
MÁQUINA DE FAZER
BRANCOS, PORQUE A
ESTRUTURA É BRANCA

NÃO EXISTE IDENTIDADE PESSOAL
QUE NÃO ESTEJA LIGADA A
UMA IDENTIDADE COLETIVA.

POSSO FAZER COM,
POSSO FAZER POR



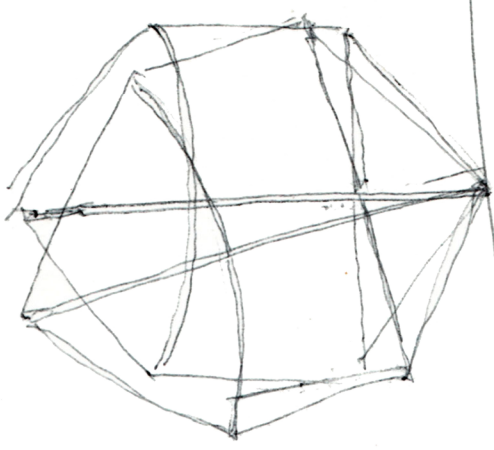
SALLOMA
SALOMÃO

TRÊS DEDOS
DE PROSA:
A PERIFERIA
AFRO-DESCENDENTE
DESCENDENTE
E INDÍGENA

CIA. TEATRAL ENCHENDO LAJE & SOLTANDO PIPA

CIA. TEATRAL ENCUCIENDO LAJE & SOLTANDOPIPA.

CLAUDIA
JAXUKA





BEBE E VEM ME PROCURAAAAAR

EU ERA SÓ UM LANCE, UMA DISTRAÇÃO

CHEIRO DE AMOR NO AAAAR

JÁ QUE ME ENSINOU A BEBER
JÁ QUE ME ENSINOU A SOFRER
ME DIZ COMO É QUE FAZ PRA
TE ESQUECER

EU TÔ PENSANDO NELA
E NO SINAL PARADO A CABEÇA VOANDO.

EU SOU ASSALARIADO
NÃO SOU FAZENDEIRO.

É MUITA MALENOLÊNCIA,
MALENO, MALENOLÊNCIA



3EM1 GUETO

~~SONDS~~
SOUNDS

Apesar das mudanças no bairro,
hoje pensei na palavra
'abandono' enquanto vi um
homem idoso carregando um
carrinho de recicláveis.





Vejo que neste ~~mês~~ período de
isolamento social, há muito
mais catadores de recicláveis.
O que é o isolamento social?



BUSCANDO ATENDER A TODOS OS USUÁRIOS
NESSE TEMPO DE CRISE A PARTIR DE
01/04/20 O BOM PRATO GRAJAÚ ABRIRÁ
TODOS OS DIAS COM NOVOS HORÁRIOS,
INCLUSIVE JANTAR SERVINDO APENAS
MARMITEX ATÉ O DIA 30/05/20.

CAFÉ DA MANHÃ DAS 7:00 ÀS 9:00.
ALMOÇO DAS 10:00 ÀS 15:00 OU ATÉ
O FIM DAS REFEIÇÕES.

JANTAR DAS 17:30 ÀS 18:30 OU ATÉ O
FIM DAS REFEIÇÕES. NO JANTAR
SERÃO SERVIDAS SOMENTE 300
MARMITEX!!!!

Agradecimentos

Agradeço a,

Deus, pela oportunidade em receber esta missão e realizá-la.

Natasha, minha irmã gêmea, que segurou minha mão em momentos que não consigo contar.

Marli, minha mãe, pelo apoio incondicional e pelas conversas sensíveis sobre a cidade.

Claudio, meu pai, por despertar em mim o amor pelo desenho e me incentivar a cada traço feito.

Ancestrais, por trilharem jornadas que me inspiraram e fortaleceram a seguir a minha.

Casa Tombada e professora Edith Derdyk pelo apoio e oportunidade de caminhar por universos expandidos.

Professor Claudinei Roberto e professor Darío Meléndez pela disponibilidade comigo e meu trabalho.

Renata Cruz e grupo do ateliê pelo acolhimento e disponibilidade para conversar sobre o trabalho.

Grajaú, por ser o lugar que abrigou a mim e meus ancestrais e por ampliar minhas camadas de percepção sobre a vida.

Artistas, reconhecidos ou não como artistas, que dialogaram sobre seus lugares de origem nas mais diversas linguagens e, com isso, abriram caminhos para que outros falassem também.

